Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional



www.dn.pt / Terça-feira 27.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 740 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

SISMO

SEM DANOS, MAS COM ATRASOS, O PAÍS VIVEU "TESTE REAL" À CAPACIDADE DE RESPOSTA A UMA CATÁSTROFE

Duarte da Costa, presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil "Meia hora na recolha de informação (...) é um intervalo de tempo razoável."

Martim Chichorro, geólogo "As populações do Sudoeste algarvio precisam saber que, se sentirem um sismo 40 a 50 segundos, devem abandonar de imediato a zona costeira"

História O primeiro dia de 1980 nos Açores e outros sismos que abalaram Portugal

Opinião de Luís Vidigal Os alertas do sismo nas redes sociais apanharam os *media* tradicionais a dormir

PÁGS. 4-7 e 9

Hermann Fegelein
Cunhado de Hitler morreu impune no Brasil, diz investigador
PÁG. 20

Novas regras
Burocracia e informações erradas no serviço público prejudicam nómadas digitais
PÁG. 13

Luís Galvão Teles
O produtor de cinema que acredita no Brasil
PÁG. 26

Telecomunicações
Famílias pagaram aos operadores mais 100 milhões até junho
PÁG. 17

Eriksson, 1948-2024
O treinador cavalheiro que também foi grande na despedida
PÁGS. 22-23

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

HONÓRIO OLIVEIRA
BARTENDER, WORLD CLASS PORTUGAL

"SE FOSSE UM MEME ERA DAQUELES COM OS VELHOTES DOS *MARRETAS* A GOZAREM COM OS OUTROS"
PÁG. 16



60 ANOS DE *MARY POPPINS*: COMO (AINDA) ENCONTRAR A MAGIA
PÁGS. 24-25

LAQUEAÇÃO DE TROMPAS HOSPITAL DE TOMAR RECUSOU PROCEDIMENTO GARANTIDO POR LEI
PÁGS. 10-11



Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

Malabarismo: quando duas contas Google são um fardo (e a dependência digital)

No mundo moderno, onde a linha entre o pessoal e o profissional se torna cada vez mais ténue, a ideia de manter duas contas Google separadas – uma para a vida pessoal e outra para o trabalho – pode parecer uma solução inteligente. Afinal, quem não gostaria de manter os seus *e-mails* de trabalho longe das notificações de redes sociais e vice-versa? No entanto, como qualquer malabarista experiente sabe, manter vários objetos no ar ao mesmo tempo exige concentração, habilidade e, acima de tudo, um bom senso de equilíbrio. E quando se trata de gerir duas contas Google, o equilíbrio pode ser difícil de alcançar.

A princípio, a promessa de compartimentalização é sedutora. A conta profissional, imaculada e organizada, abriga apenas *e-mails* de trabalho, documentos importantes e compromissos da agenda. A conta pessoal, por outro lado, é um espaço livre para fotos de família, conversas com amigos e *playlists* personalizadas. Mas a realidade, como sempre, é mais complexa.

A primeira dificuldade surge na hora de alternar entre as contas. O processo, embora simples, torna-se irritante com o tempo, especialmente quando precisamos aceder a informações urgentes em ambas as contas.

Além disso, a separação das contas pode levar a esquecimentos e confusões. Um *e-mail* importante do trabalho pode acabar na caixa de entrada pessoal, ou um documento pessoal pode ser enviado por engano para um colega de trabalho. E quando se trata de compromissos na agenda, a duplicidade pode levar a conflitos e desencontros.

A questão da privacidade também é preocupante. Embora a Google afirme que as informações de cada conta são mantidas separadas, é difícil não se sentir um pouco paranoico ao pensar que a empresa tem acesso a todos os seus dados, tanto pessoais quanto profissionais.

E não podemos esquecer o impacto na produtividade. Ter de gerir duas contas, com seus respetivos *e-mails*, agendas e arquivos, pode ser uma distração constante, dificultando a concentração nas tarefas realmente importantes.

Em suma, embora a ideia de manter duas contas Google separadas possa parecer atraente à primeira vista, a realidade é que essa prática pode trazer mais problemas do que soluções. A complexidade de gestão, os riscos de confusão e esquecimento, as preocupações com a privacidade e o impacto na produtividade são fatores que devem ser levados em consideração antes de embarcar nessa caminho de duplicidade digital.

Talvez seja hora de repensarmos a nossa relação com a tecnologia e procurarmos soluções mais simples e integradas. Afinal, a verdadeira produtividade e o bem-estar não estão na quantidade de contas que possuímos, mas na forma como utilizamos as ferramentas à nossa disposição. E às vezes, menos é mais.

...

Todo o texto acima foi produzido, e está replicado, com um mínimo de edição, pelo Gemini Advanced, a Inteligência Artificial mais avançada que a Google disponibiliza aos seus clientes (mediante um pagamento de 22 euros mensais – que inclui outros serviços, como 2 terabytes de espaço na "nuvem").

O seu conteúdo vai, genericamente, ao encontro do que eu pretendia escrever esta semana e foi criado pela IA em segundos à solicitação: "Escreve um artigo em estilo crónica sobre as desvantagens de ter duas contas Google, uma pessoal e outra profissional."

Tivesse sido eu a escrevê-lo, algumas coisas seriam incluídas do texto. Teria referido como é importante que cada um de nós escolha uma profissão que verdadeiramente goste para que o facto de a vida profissional se misturar com a pessoal não seja um fardo – pelo contrário, se trabalharmos naquilo que gostamos, são motivo de realização pessoal. Teria ainda teorizado como as soluções de regulação artificial à francesa da "obrigação de desligar" não funcionam na prática, e acabam por ser um entrave à produtividade e crescimento, tanto pessoal quanto do país.

Mas nada disso interessa agora. Facto é que a IA está num ponto de avanço impressionante. Além do exemplo acima, o novo *smartphone* Pixel 9 inclui um serviço designado Gemini Live em que (por enquanto apenas em inglês) a Inteligência Artificial desafia o utilizador a dialogar com ela sobre qualquer tópico. Ainda que sejam claros os constrangimentos impostos pelos "programadores" para que a conversa nunca deixe de ser "politicamente correta", já aprendi coisas interessantes nessas sessões de "troca de ideias".

Claro que há um reverso desta medalha: a cada vez maior dependência do digital para pensar e para saber no que acreditar.

Hoje, antes de escrever seja o que for, dou por mim a verificar as informações no Gemini, no Google e por vezes ainda no Copilot (ChatGPT), da Microsoft.

A coisa é de tal forma que, não tendo dado pelo sismo desta madrugada – embora a minha mulher garanta que o sentiu –, só acreditei que tal tinha acontecido porque o Google me notificou, no telemóvel, da ocorrência!

Enfim. A coisa ficará preocupante quando eu precisar de uma gravação a dizer: "Inspira... Expira... Inspira..."

OS NÚMEROS DO DIA

292

MIL MILHÕES DE EUROS
O saldo da dívida direta do Estado caiu 0,6% em julho face ao mês anterior, para este valor, de acordo com os dados hoje divulgados pelo IGCP – Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública.

60

MORTOS
no leste do Sudão, quando a Barragem Arbaat, 40 quilómetros a norte de Porto Sudão, colapsou e causou a inundação de várias habitações, anunciou ontem uma organização não-governamental (ONG). Este balanço está muito acima dos números oficiais.

1634

EUROS POR M²
O valor mediano de avaliação bancária na habitação fixou-se neste valor em julho, uma subida de 7,4% em termos homólogos e de 20 euros (1,2%) face a junho, divulgou ontem o INE.

10

POR CENTO
O presidente da Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, disse hoje que "só 10%" dos edifícios da capital precisam de reforço antissísmico, sublinhando que o município está a fazer uma avaliação há dois anos.





Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



Paulo Rangel afirmou, depois da reunião com a Proteção Civil, que os planos de resposta a sismos têm de ser "constantemente atualizados".

TIAGO PETINGA / LUSA

SISMO

Sem danos, mas com atrasos, Governo fala em "teste real" à capacidade dos meios

BALANÇO O resultado da ação concertada entre Governo, Presidência da República e autoridades é positivo, explicou o primeiro-ministro em exercício, Paulo Rangel, lançando, no entanto, um desafio imediato: os planos que já estão testados têm de ser "atualizados e renovados". Ministério da Saúde confirmou que os novos hospitais de Lisboa Oriental, do Seixal e do Algarve vão ser construídos com sistemas antissísmicos.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O primeiro-ministro em exercício, Paulo Rangel, encontrou-se ontem com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, às 10.00 horas da manhã, já depois de acionados os planos de resposta ao sismo que ocorrera pouco tempo antes, a 58 quilómetros a Oeste de Sines. Não houve danos materiais, nem pessoais, só múltiplos telefonemas para a Proteção Civil, do Alentejo a Coimbra, e um susto. Antes de ir a Belém e à saída da reunião com a Proteção Civil, Paulo Rangel classificou todo o processo, desde o abalo de terra até ao sossego da população, como um "teste real à nossa capacidade de reposta no caso de uma catástrofe real". Em relação aos cerca de 30 minutos que separaram o sismo do alerta da Proteção Civil, Marcelo justificou-os com a necessidade de "validar as informações" e saudou a capacidade "muito rápida" de respostas das autoridades.

"Não se sabia, na altura, da incidência total – que felizmente não é o que se temia – do sismo. Portanto, a mensagem é muito simples: serenidade, tranquilidade, normalidade. Quem andar por Lisboa verifica isso e a informação que temos de outros pontos da área teoricamente abrangida é a mesma: é um começo de semana normal, natural e, portanto, sem razões nenhumas da preocupação particular", vincou o Presidente da República, depois da reunião com Paulo Rangel, no Palácio de Belém.

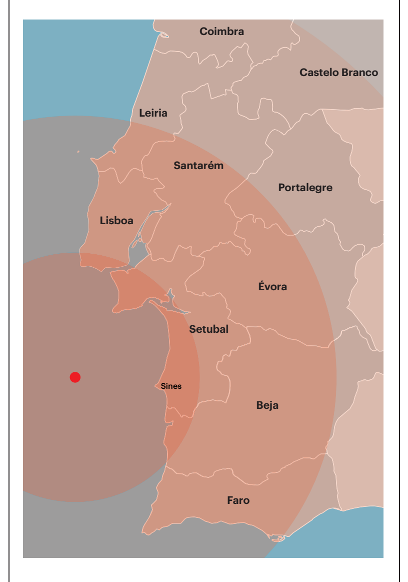
Em relação à resposta ao sismo, Marcelo explicou que "funcionou aquilo que devia ter funcionado", acrescentando, porém, que se "retiram lições para o futuro" sobre a aptidão da Proteção Civil em comunicar com a população. Neste contexto, Marcelo agradeceu aos órgãos de comunicação social a forma como informaram a população, considerando que "foram essenciais na comunicação aos portugueses".

"Eu sei que a Proteção Civil está atenta a pormenores de comunicação e à capacidade de fazer face àquilo que é a resposta da parte dos portugueses ao quererem informação. Já não é a primeira vez que acontece com uma entidade pública", justificou.

Antes do encontro com Marcelo, Paulo Rangel reuniu-se com a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, concluindo, depois, que o abalo permitiu verificar a forma como os "meios

PONTOS-CHAVE

AO LARGO DE SINES
Na madrugada de ontem, às 5.11 horas, Portugal acordou com um sismo. O Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA) confirmou que o epicentro foi registado a 58 quilómetros a Oeste de Sines, a uma profundidade 10,7 quilómetros, com uma magnitude de 5,3 na escala de Richter. Houve ainda quatro réplicas com magnitudes mais baixas.



DO ALENTEJO A COIMBRA
Sem vítimas ou danos registados, a Proteção Civil recebeu vários telefonemas de pessoas a relatar o tremor de terra.

APELO À SERENIDADE
A Presidência da República, em comunicado, garantiu que "tem estado em contacto com o Governo". Às 10.00 horas, Marcelo Rebelo de Sousa, reuniu-se com o primeiro-ministro em exercício, Paulo Rangel. Apesar de não ter havido danos, Rangel classificou o evento como "um teste real à nossa capacidade de resposta no caso de uma catástrofe real", fazendo um balanço muito "positivo".

estão ou não em prontidão", explicando que foram discutidas as estratégias de prevenção.

"Sobre aquilo que são os planos que estão já testados e vistos há muito tempo", Paulo Rangel afirmou que "têm de ser constantemente atualizados e renovados", motivo pelo qual "houve aqui alguma projeção para o futuro no sentido de preparar as estruturas portuguesas, a proteção civil, nacional e regional, e a população em geral para termos capacidade de resposta".

Questionado pelos jornalistas sobre o balanço que faz do teste que Portugal enfrentou, o primeiro-ministro em funções na ausência de Luís Montenegro considerou que a avaliação é "muito positiva quanto à capacidade de resposta, à prontidão da resposta, à forma como a informação circulou". Sem explicar se há aspetos a melhorar, Paulo Rangel deixou uma garantia: "Tudo será revisto, vamos aos vários pontos e trabalhar."

"Na legislação portuguesa antissísmica houve já uma evolução muito grande, mas também é importante ver se no terreno ela é executada e cumprida com rigor", completou. Sobre a ação da Proteção Civil, Paulo Rangel diz que foi "altamente profissional".

Novos hospitais vão ter proteção

O sismo que ocorreu ontem, com uma magnitude de 5,3 na escala de Richter, com quatro réplicas com magnitudes mais baixas, não foi suficientemente intenso para provocar danos, mas levantou questões adjacentes, como a adaptação de edifícios e a prevenção de perdas materiais.

O tema foi sublinhado pelo Presidente da República, quando apelou ao debate em torno da "construção de grandes obras públicas", considerando que é possível "aprender-se mais" sobre a resposta aos fenómenos naturais. Sem entrar em grandes detalhes, Marcelo lembrou que o Tribunal de Contas, recentemente, "entendeu propor, levando até mais longe do que normalmente é o papel do Tribunal de Contas, um aditamento contratual, ou uma revisão contratual, para incluir requisitos que não estavam previstos à partida no processo do concurso".

Também os hospitais de Lisboa Oriental, do Seixal e do Algarve terão sistemas antissísmicos, respeitando deste modo as recomendações técnicas, confirmou ao DN fonte do Ministério da Saúde. No que diz respeito ao Hospital de Lisboa Oriental, que será construído em Chelas, a cargo da Mota-Engil, vai implementar as alterações pedidas pelo Tribunal de Contas.

No mesmo dia, a Associação Portuguesa de Seguradores (APS) alertou para o facto de apenas 19% das habitações do país terem cobertura contra sismos, sendo que 47% não têm qualquer tipo de cobertura.

Duarte Costa
"Meia hora na recolha de informação (...) é um intervalo de tempo razoável."

OPORTUNIDADE O presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil explicou ao DN o circuito, desde o momento em que ocorre um evento atípico até à resposta das autoridades. Sem danos, o sismo de ontem permitiu "olear" os procedimentos definidos.

ENTREVISTA **RUI FRIAS** E **VÍTOR MOITA CORDEIRO**


REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Duarte Costa diz que avisos por SMS seriam só por prevenção.

Assim que foi sentido/detetado o sismo qual foi o procedimento posto em prática pela Proteção Civil? Algum plano específico ou meios ativados? Que medidas prioritárias são tomadas nestas situações?
A verificação da operacionalidade dos sistemas de comunicações e de apoio à Decisão Operacional, bem como a solicitação da avaliação imediata de possíveis danos causados pelo sismo aos Comandos Regionais e Sub-regionais de Emergência e Proteção Civil.

A Proteção Civil justificou que o alerta à população só não foi mais rápido porque era necessário "validar a informação". Sente que população se sentiu segura com o tempo de resposta da Proteção Civil? A comunicação à população com ponto de situação e procedimentos a seguir não deveria ter sido alargada (SMS) e não apenas por Facebook?
A emissão de avisos à população por SMS é um procedimento de natureza excecional, sendo, em regra, utilizado para fornecer antecipadamente ao cidadão informação relativa a uma dada situação de risco extremo, e não sobre um evento já ocorrido.

Por que é que o Plano Especial de Emergência só é ativado em sismos a partir de 6,1 escala de Richter?
De acordo com os estudos existentes, um sismo com magnitude de superior a 6,1 tem potencial para gerar um volume de danos que exige uma resposta operacional de maior dimensão, não compaginável com os procedimentos habitualmente utilizados no quadro do Sistema Integrado de Operações de Proteção e Socorro. Assim, no caso de um evento sísmico com epicentro na Área Metropolitana de Lisboa com magnitude igual ou superior a 6,1 na Escala de Richter ou com estimativa de intensidade máxima, obtida a partir de medidas instrumentais, igual ou superior a VIII na Escala de Mercalli modificada (independentemente da localização do epicentro), seriam ativados os correspondentes Planos Especiais de Emergência para o Risco Sísmico.

O primeiro-ministro em exercício classificou este sismo como "um teste real às nossas capacidades de resposta a uma catástrofe grave". Vê este "teste" como um sucesso, considerando que o tempo de avaliação foi de meia hora?
Qualquer evento real que não cause danos para pessoas e bens e permita testar e "olear" os circuitos e procedimentos que se encontram definidos, identificando oportunidades de melhoria futura, será sempre um teste positivo. Tratando-se de um sismo sentido em boa parte do território de Portugal Continental, o dispêndio de "meia hora" na recolha de informação por parte dos vários serviços e agentes de proteção civil territorialmente competentes, por forma a poder afiançar com segurança a ausência de danos pessoais e materiais, tem de ser considerado um intervalo de tempo razoável.

Como é que as pessoas que moram em habitações anteriores a 1983 – data em que passou a ser obrigatório incluir medidas antissísmicas na construção dos prédios – podem estar descansadas face a esta ameaça real?
Sugiro dirigir a questão a entidade especializada, por exemplo o LNEC [Laboratório Nacional de Engenharia Civil].

A fase de monitorização a partir de agora consiste em quê, durante quanto tempo? E que plano e meios são ativados?
Consiste na articulação e monitorização com os agentes de Proteção Civil e entidades com especial dever de cooperação, em particular as que gerem redes e infraestruturas críticas, ao longo de 24h após o evento para a validação de eventuais danos causados pelo sismo.



D.R. / PICASA

Estima-se que o sismo de 1 de dezembro de 1755 terá tido uma magnitude de 8,7 na escala de Richter, matando entre 20 mil a 100 mil pessoas.

O primeiro dia de 1980 nos Açores e outros sismos que abalaram Portugal

HISTÓRIA Depois de 1755 foi preciso chegar ao século XX para o país viver o sismo mais violento, a 28 de fevereiro de 1969 em Lisboa e Algarve, e o mais mortífero, a 1 de janeiro de 1980.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A geografia faz com que Portugal esteja junto à fronteira das placas Euro-Asiática e Africana designada por fratura Açores-Gibraltar, levando a que o nosso território continental e insular tenha um registo assinalável de atividade sísmica. A esmagadora maioria é apenas detetada pelos sismógrafos, mas basta ir ao *site* do Instituto Português do Mar e da Atmosfera para se ter uma ideia, razão por que, embora em apenas algumas poucas vezes, os abalos que assolaram Portugal entraram em forma de tragédia para a nossa História.

O maior de todos fez-se sentir na manhã de 1 de dezembro de 1755, resultando na destruição quase completa de Lisboa, especialmente na zona da Baixa, e atingindo ainda grande parte do litoral do Algarve e Setúbal. Estima-se que terá tido uma magnitude de 8,7 e é considerado o maior da Europa e um dos mais mortíferos da História – a estimativa vai dos 20 mil aos 100 mil mortos. Para este grau de destruição contribuiu o *tsunami* que se lhe seguiu, com cerca de 20 a 30 metros, e que, além de Lisboa, destruiu, no Algarve, fortalezas costeiras e habitações. As ondas de choque do sismo foram sentidas na Europa e norte da África.

Depois de 1755, o sismo mais forte de que há registo deu-se na madrugada de 28 de fevereiro de 1969, com epicentro localizado 200km a Sudoeste do Cabo de S. Vicente. O sul, nomeadamente o Algarve, e a Região de Lisboa foram as zonas mais atingidas pelo abalo de 7,9 na escala de Richter, que se fez sentir também em Espanha e Marrocos. Morreram 13 pessoas, duas em consequência direta do abalo e 11 indiretas, algumas "acometidas de síncopes", e houve várias dezenas de feridos.

No dia seguinte ao sismo, o DN dedicava toda a primeira página ao acontecimento. *Uma eternidade em breves segundos: Levará muito tempo a esquecer o pavor da última madrugada de fevereiro*, titulava, sendo que lá dentro se ficava a saber que muita gente tinha passado a noite na rua, com as fotos a mostrarem pessoas embrulhadas em cobertores e carros soterrados por paredes que ruíram.

No primeiro dia de 1980, às 15.42 locais, um violento tremor de terra 7,2 na escala de Richter nas ilhas Terceira, São Jorge e Graciosa causou 71 mortos (51 na Terceira e 20 em São Jorge) e mais de 400 feridos, o mais mortífero desde 1755, levando o Presidente Ramalho Eanes a decretar três dias de luto nacional. Mais de 15 500 habitações ficaram danificadas e Angra do Heroísmo foi seriamente atingida.

Nas edições de 3 e 4 de fevereiro do DN as imagens de destruição são reveladoras, acompanhadas de títulos como *A nossa cidade está desfeita*. A reconstrução de Angra foi um feito, apenas três anos depois foi classificada pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade.


FOTOS: ARQUIVO DN

Estragos em Lisboa causados pelo terramoto de fevereiro de 1969.



Os Açores acordaram em 1980 com um sismo. Morreram 71 pessoas.

Martim Chichorro
"É urgente uma cartografia detalhada das nossas zonas com maior risco sísmico"

GEÓLOGO Especialista em Tectónica refere que o evento de ontem veio confirmar que "toda a crosta a Ocidente e Sudoeste de Lisboa contempla várias falhas com potencial sísmico" que podem ter absorvido parte da rutura que gerou o Terramoto de 1755. E defende que a população não está devidamente educada sobre como agir perante sismos.

ENTREVISTA **RUI FRIAS**

Este foi o maior sismo em Portugal Continental nos últimos anos. Não se pode dizer que seja uma surpresa, porque sabemos estar inseridos numa zona de atividade tectónica (Placa Euroasiática), mas havia alguma indicação recente de que poderia estar para breve um sismo desta dimensão?
Pois, não foi nenhuma surpresa. Mas também nunca podemos sugerir essa possibilidade com exatidão. A atividade sísmica na crosta superficial é muito imprevisível, segue parâmetros que são difíceis de prever. O único e mais forte indicador é sabermos que estamos sobre uma zona de movimentação de placas tectónicas. Esta é uma zona estruturalmente complexa. Este evento veio provar que há uma série de falhas na zona ocidental da nossa costa e que essas falhas têm potencial sismogénico. E veio também alertar para a urgência em conhecermos melhor as características da crosta nesta região.

E este sismo traz novidades sobre o que conhecíamos do potencial de ameaça nesta região?
Ficámos a saber melhor que existe ali esta estrutura e percebemos melhor também o que terá acontecido no Terramoto de 1755. Para explicar um sismo como o de 1755, estamos a falar de uma área de rutura geológica que tem de ter tido dimensões brutais, de muitos quilómetros quadrados. Ora, num sismo de magnitude próxima de 9, calcula-se que essa rutura [que se conjetura ter originado na falha do Banco de Gorringe, a Sudoeste do Cabo de São Vicente, no oeste algarvio] se tenha transferido para outras falhas. E a falha que agora gerou este evento é forte candidata a ter absorvido parte da rutura transferida pelo Terramoto de 1755.

O que é que o epicentro (60km a Oeste de Sines) e o foco (cerca de 10 a 20km de profundidade) do sismo significam?
Dizem-nos que não podemos considerar apenas a zona do Cabo de São Vicente com potencial sísmico catastrófico, mas toda a zona que vem do Banco de Gorringe até Lisboa. Toda a crosta a Ocidente e Sudoeste de Lisboa é uma zona com várias falhas sismogénicas. E agora provou-se que uma dessas estruturas está ali, mais ou menos a 20km de profundidade, 60km a Oeste de Sines.

Essa cartografia da ameaça sísmica para Portugal não está ainda devidamente detalhada?
Não. E é urgente conhecer bem as características da nossa crosta sismogénica. E não conhecemos, porque estas especialidades de estudo da Geologia estão a morrer. A Falha de Santo André [na Califórnia] é a falha geológica mais estudada do mundo, com várias equipas e especialistas a estudarem aquela zona. Mesmo assim não se consegue prever quando e onde vai haver um terramoto, mas consegue-se dizer qual é a faixa com mais potencial sísmico. Nós, em Portugal, temos muitas falhas com potencial sísmico. Não só *offshore* (no mar), mas também continentais, como a da Vilariça e a de Benavente (Vale Inferior Tejo). E, no entanto, não temos uma equipa organizada para estudarmos a nossa crosta sismogénica.

Este sismo pode ser algum indicador para o futuro próximo? Devemos temer um sismo maior em breve?
Estamos a lidar com fenómenos complexos. Podemos pensar que o facto de ter havido aqui uma libertação de tensão nesta falha faz com que a probabilidade de rutura nos próximos tempos seja menor. Mas isso não significa que as tensões de energia em áreas adjacentes estejam dissipadas. É outra razão por que temos de conhecer bem as falhas que existem na região e as suas características. E mesmo assim, com tudo isso, os sismos de magnitude acima de 8 fogem de toda a previsibilidade, deixam de ser lineares, ninguém consegue controlar.



"As populações ribeirinhas e costeiras do Sudoeste e do Algarve precisam de saber que, se sentirem um sismo durante 40 a 50 segundos, devem abandonar de imediato a zona costeira."
Martim Chichorro
Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa | Nova FCT.

Acha que a população está suficientemente alerta e educada para o potencial sísmico que existe nesta zona da Península?
Não, não está. Se for ver alguns livros do Secundário, por exemplo, a fuga de zonas costeiras ainda não está suficientemente sublinhada. E não estou a falar do risco de colapsos estruturais. Isso é outro assunto. Estou a falar do risco de um *tsunami*, que pode ser catastrófico em Portugal.

Quais são as zonas mais em risco de um evento catastrófico de grandes dimensões? É sobretudo Lisboa?
De São Martinho do Porto para baixo. Lisboa, Troia/Setúbal, Sines... outro sítio em que o risco é brutalmente assustador, se começar a pensar nisso, é o da Ria Formosa. E não existe sinalização desses perigos junto das populações, porque a cultura vigente ainda é a de que falar destas coisas é ser alarmista, quando o papel do Estado deveria ser informar devidamente os seus cidadãos. Não é um sismo de magnitude 5 que nos vai afetar. Pode assustar, mas não vai fazer estragos. O que já nos afeta, sim, é saber que há nesta zona um potencial para sismos de grandes dimensões e para um *tsunami* de características catastróficas, não há outro termo.

E em relação ao estado dos edifícios em Portugal? Estão preparados convenientemente para risco sísmico? Tivemos recentemente alertas de que infraestruturas essenciais como os próprios hospitais não estarão preparados para resistir a um grande sismo...
Acho que nos últimos 30 anos o conhecimento aumentou substancialmente, a ponto de se projetarem as estruturas edificadas imaginando um máximo risco sísmico credível, que se situa pelos 7,5 na escala de Richter. Mas eu não sou engenheiro civil, não posso responder a isso com rigor. Agora, em relação às construções dos Anos 60 e 70 do século passado, e mais para trás, já não sei. E gostava que me elucidassem. Não podemos falar destas coisas só quando há estes pequenos eventos.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa já veio a público pedir um debate sobre as obras públicas e se estão ou não aptas a resistir a eventos sísmicos. Justifica-se esta intervenção?
Justifica-se plenamente. O que acho uma pena é que o apelo tenha surgido apenas por causa deste evento de um sismo de 5,3. Tenho pena que que o país não tenha feito já essa reflexão em 1969, por exemplo, quando houve um terramoto bem mais impactante [7,3], e no qual morreu gente [13 pessoas].

Se lhe pedissem medidas imediatas a pôr em prática após este sismo, quais seriam?
No imediato, alertar todas as populações ribeirinhas e costeiras da zona sudoeste e do Algarve para que, quando sentirem um sismo durante 40 a 50 segundos, devem abandonar imediatamente a zona costeira, sem precisarem de estar à espera que seja a Proteção Civil a dizê-lo. Este só se sentiu durante uns 10 segundos, mas o do Japão em 2011, por exemplo, sentiu-se durante um minuto. Esse tempo significa que a rutura geológica se está a transferir para outras estruturas. Quanto mais demorado, mais potencialmente perigoso. E as populações costeiras devem saber que têm de sair imediatamente da zona. Além disso, aumentaria a investigação. Temos de conhecer as estruturas geológicas existentes nas zonas de maior potencial sísmico. Criar uma equipa própria de investigadores, especialistas, para fazer uma cartografia bastante completa do substrato geológico, sobretudo nas zonas de maior risco sísmico. Temos de deixar de brincar à ciência.



Último congresso, no ano passado, não foi para eleger dirigentes do PSD.

PATRICIA DE MELO MOREIRA / AFP

Montenegro sem rivais e em busca da hegemonia autárquica perdida

PSD Primeiro-ministro repete feito de Passos Coelho: ninguém disputa liderança do partido consigo nas diretas de 6 de setembro. Moção aponta para apoio a candidatura presidencial de militante social-democrata.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Luís Montenegro confirmou ontem algo que era dado como certo ao longo dos últimos meses: é o primeiro líder do PSD a ser candidato único à reeleição desde Passos Coelho, após Rui Rio ter forte concorrência (incluindo uma segunda volta, com o próprio Montenegro, em 2020). Terminado o prazo, é o único nome submetido aos militantes do partido nas eleições diretas de 6 de setembro.

Na moção de estratégia da sua (re)candidatura, *Acreditar em Portugal*, Montenegro estabelece como primeiro grande desafio as Eleições Autárquicas do próximo ano, elevando a fasquia até à recuperação das presidências da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) e da Associação Nacional de Freguesias (Anafre) portuguesas. É um objetivo ambicioso, pois o PS é hegemónico no poder local desde 2013, quando o PSD perdeu Porto, Sintra ou Vila Nova de Gaia, mas o social-democrata defende que os resultados de um "ciclo eleitoral particularmente intenso", com vitórias nas Legislativas, Regionais dos Açores e Regionais da Madeira, ficando "muito perto disso" nas Europeias, indicam que o PSD "reergueu-se como o maior partido português".

Com o 41.º Congresso do PSD, no qual serão eleitos os novos órgãos dirigentes, marcado para 21 e 22 de setembro, em Braga, a cerca de um ano das Eleições Autárquicas, a moção de Montenegro deixa claro que a próxima Comissão Política Nacional deve começar a tomar decisões. Algo que passa pela escolha de candidatos para municípios em que se perspetivam possibilidades de conquista, como justamente Porto, Sintra ou Vila Nova de Gaia.

Por outro lado, recordando que a Presidência da República tem sido desempenhada nas últimas duas décadas por antecessores seus na liderança do partido, Montenegro inclui na moção a preferência por alguém que seja social-democrata. "Há seguramente, nos nossos quadros partidários, militantes com notoriedade e conhecimento profundo e transversal do país, das políticas públicas, das instituições democráticas e cívicas, da realidade geopolítica internacional", defende, ficando implícito que Marques Mendes, Leonor Beleza, Passos Coelho ou Durão Barroso terão vantagem sobre Paulo Portas ou Gouveia e Melo enquanto "personalidades que dão garantias de isenção e competência para cumprir as responsabilidades que a Constituição da República atribui ao mais alto magistrado da Nação".

A moção do líder social-democrata fala de "um país mais eficiente, que cobra uma menor carga fiscal", mas que também "combate as desigualdades sociais e territoriais" e que "protege os mais vulneráveis". Na transformação de Portugal "num lugar em que a Educação, a ciência, a tecnologia e a cultura não são apenas prioridades, mas sim os pilares sobre os quais construímos uma sociedade mais próspera, dinâmica, solidária e sustentável", Montenegro salienta a rejeição de "toda a espécie de populismos". E, referindo-se à importância de reforçar o peso do PSD, sustenta que "a força e a afirmação dos partidos moderados é a melhor garantia contra o radicalismo de esquerda e de direita".

Ventura fala de acordo do Governo com o PS

O líder do Chega, André Ventura, disse ontem que a falta de "atitude de proatividade" do Governo de Luís Montenegro na negociação do Orçamento do Estado para 2025 indicia que a Aliança Democrática se prepara para um entendimento com o PS. Até porque a exigência de um referendo sobre imigração, avançada na semana passada pelo partido mais à direita na Assembleia da República, mereceu uma receção social-democrata que oscilou entre o silêncio generalizado e a recusa de Hugo Soares. Numa entrevista ao *Expresso*, o líder parlamentar do PSD considerou a consulta popular "uma coisa completamente desenquadrada do debate orçamental".

Como alternativa a um acordo com Pedro Nuno Santos, que nas suas palavras resultaria em "mais subsídios, IRC elevado e taxas sobre o gasóleo e o carbono", Ventura contrapôs a hipótese de o Governo não ter interesse em ver o Orçamento do Estado aprovado, na medida em que isso poderia levar a uma crise política, "que o país não merece e de que não precisa", com a convocação de novas eleições antecipadas

Numa visita à Feira Agrícola do Vale do Sousa, em Penafiel, o presidente do Chega disse que "o tempo está a começar a escassear para um ponto de entendimento", acrescentando esperar que o Governo de Luís Montenegro, "depois de ter sido arrogante com os seus adversários, depois de não ter olhado para a economia, para quem verdadeiramente trabalha, não venha em outubro dizer 'não nos deixam trabalhar'". **L.R.**



Opinião
Luís Vidigal

Os alertas do sismo nas redes sociais apanharam os *media* tradicionais a dormir

A importância do jornalismo não-robotizado

Desde os sismos que ocorreram em Portugal nos Anos 60 do século passado, foi a primeira vez que a internet e as redes sociais ultrapassaram os média tradicionais, na função de alertar e informar os cidadãos em situações de emergência noturna.

É uma aprendizagem que temos de fazer para os planos de contingência do futuro, nomeadamente quando ainda se recomenda apenas um "rádio de pilhas e uma vela" para sermos informados do que se está a passar e como devemos atuar.

Quando há 55 anos começou a internet, com a primeira conexão ARPANET, já se acreditava que a arquitetura distribuída do tipo "*best-effort*", semelhante aos radioamadores da "banda do cidadão", poderia resistir a guerras e a outras catástrofes, pois, dada a elevada redundância da rede internet, os dados encontrariam sempre um caminho para chegar até nós, mesmo que alguns polos da rede estivessem obstruídos.

A CNN Portugal foi a única televisão que estava em direto e que se "assustou" com o sismo às 5.11 da manhã. Com efeito, foi o único órgão de comunicação social tradicional em que o ser humano estava ao comando e que não estava em modo autónomo a dar-nos música, vendas, documentários ou programas em diferido.

A reação das restantes televisões só surgiu a partir do Alerta da CMTV às 5.45 e dos noticiários das 6.00 horas nos restantes canais, pois não interromperam as emissões quando todo o país já estava em alerta e os mais jovens já estavam a consultar os telemóveis, a navegar e a interagir nas redes sociais.

Tradicionalmente bastaria um rádio de pilhas para aceder aos alertas de catástrofes. Com efeito, os sinais de rádio não estavam, no passado, dependentes das plataformas digitais e os seus postos emissores sempre tiveram redundância e autonomia energética.

Por isso, foi sempre crucial que as rádios estivessem sempre prontas para entrar em ação com pessoas no comando, mesmo em horários menos convencionais, o que atualmente raramente acontece com a falta de jornalistas nas emissoras. Não foi por acaso que a Antena 1, enquanto serviço público, foi a primeira a "acordar", quando as outras rádios estavam todas a dormir, conduzidas por computadores a "dar-nos música".

Com a falta de recursos humanos, as rádios, as televisões e os jornais não escaparam à robotização, porque não têm jornalistas suficientes para cobrir as 24 horas de serviço. Ao contrário do que acontece nas redes sociais, que têm uma multidão de voluntários a propagar "notícias" e perceções em tempo real.

Em 2022 as televisões foram obrigadas pela União Europeia a funcionar apenas em plataformas digitais e, apesar da redundância da rede dos operadores, o encaminhamento do sinal está dependente de fontes de energia no último troço que chega às nossas casas através da rede fixa. Daí a importância dos telemóveis, pois mesmo o sinal TDT passou a ser transmitido através de descodificadores digitais.

A internet e as redes sociais oferecem uma importante rede de alerta para a disseminação da informação em situações onde os meios tradicionais falham. Por isso, podemos afirmar que atualmente os novos "rádios a pilhas" são os telemóveis, pois as antenas do serviço móvel têm baterias para prestar o serviço durante as 24 horas em todos os dias do ano e não dependem da rede fixa para chegar aos nossos dedos.

Enquanto as pilhas dos velhos rádios podem estar gastas, hoje em dia temos quase sempre os telemóveis carregados à noite, os quais podem continuar a receber mensagens SMS, partilhar conversas nas redes sociais e, no caso do sistema Android, podem mesmo receber alertas de emergência.

Uma estratégia eficaz de comunicação em ambiente de catástrofes deve garantir que, tanto os meios tradicionais, quanto os digitais, estejam prontos para atuar em conjunto, proporcionando uma cobertura abrangente e confiável para toda a população, com informação profissional e baseada em fontes seguras e credíveis, que não dispensem jornalistas humanos e não-robotizados.

Representante da sociedade civil na Rede Nacional de Administração Aberta. Consultor internacional de e-Government. Ativista cívico e ex-dirigente de topo em áreas tecnológicas e de modernização administrativa.



Opinião
Bernardo Ivo Cruz

Reagan, Trump e o debate sobre a imigração

Quem esteja a acompanhar as eleições nos Estados Unidos terá notado a grande diferença entre os dois principais candidatos no que toca à política de imigração. Enquanto Kamala Harris falou na primeira pessoa, recordando a sua mãe e o papel positivo que os imigrantes têm na sociedade americana, Donald Trump prometeu fechar as fronteiras e implementar um forte programa de deportações. Nisto, como em quase tudo, a sociedade americana está profundamente dividida.

No entanto, se olharmos para o mesmo Partido Republicano nos tempos de Ronald Reagan, uma figura central no fim da Guerra Fria que dificilmente poderá ser associado a políticas de esquerda, já que – e segundo o PCP – "personificava a contraofensiva do imperialismo (…)", entraremos numa realidade paralela.

O último discurso que fez enquanto presidente foi dedicado ao tema, e Reagan entendia que a capacidade de atrair pessoas de todo o mundo "renova e enriquece a nação", considerando ser essa "uma das razões do sucesso da América". Reagan acrescentou ainda: "Graças à chegada de novas pessoas, somos uma nação sempre jovem, cheia de energia e novas ideias. Esta qualidade é fundamental para o nosso futuro". E alertou para o risco de fechar as fronteira, que levaria "à perda do papel de liderança [dos EUA] no mundo". Terminou lembrando que "são homens e mulheres corajosos que deixam as suas casas e que vão para um país novo para procurar uma vida melhor e que contribuem mais [para os Estados Unidos] do que recebem".

Há muitas explicações para a mudança profunda do discurso do Partido Republicano de Reagan para o que defende Trump, e que é acompanhado, um pouco, por todos os partidos da direita populista. Não sendo este o local para uma análise exaustiva, há um aspeto que merece atenção particular neste debate. Um estudo recente do Institute for Policy Research da Universidade Northwestern, em Chicago, conclui que há uma diferença profunda entre a perceção, maioritariamente negativa, e a realidade da imigração nos Estados Unidos. Também entre nós Rui Pena Pires, diretor do Observatório da Emigração e professor do ISCTE, diz que o discurso sobre a imigração e os seus impactos tem pouco a ver com a realidade dos números.

É verdade que, em democracia, podemos votar em políticas e propostas mesmo quando os factos não sustentem as nossas opiniões e as nossas escolhas sejam construídas com base em "eu acho que…" ou numa qualquer aflição pessoal. Esse é um direito que assiste aos eleitores. Mas o mesmo direito já não assiste a quem quer ser eleito. Quem acha que vale tudo para chegar ao poder, até ignorar a realidade dos factos e que pode mentir aos eleitores, não merece a nossa atenção, o nosso respeito e muito menos o nosso voto.

Professor convidado IEP/UCP

"Não vai laquear as trompas aqui, nem em nenhum hospital público"

DIREITOS SEXUAIS A citação é atribuída por Maria, 32 anos, à diretora do Serviço de Ginecologia do Hospital de Tomar. Sendo a esterilização voluntária garantida na lei a quem tenha mais de 25 anos, vai avançar com queixa contra hospital. Que alega "razões exclusivamente clínicas" – entre elas, o facto de Maria ter um filho com menos de 1 ano.

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**



Uma mulher de 32 anos – chamemos-lhe Maria – acusa a diretora do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Tomar/Unidade Local de Saúde Médio Tejo, Ivone Caçador, de recusar o seu pedido de laqueação de trombas sem justificação legal. De acordo com Maria, a médica invocou a sua idade e o facto de ter um só filho, com menos de 1 ano, garantindo-lhe que nem ali, nem em qualquer hospital do SNS lhe fariam a intervenção.

Desde a Lei 3/84 (de 24 de março, artigo 10.º) que em Portugal é garantido o direito à esterilização voluntária, sem outro critério que não o da idade: "A esterilização voluntária só pode ser praticada por maiores de 25 anos, mediante declaração escrita devidamente assinada, contendo a inequívoca manifestação de vontade de que desejam submeter-se à necessária intervenção e a menção de que foram informados sobre as consequências da mesma, bem como a identidade e a assinatura do médico solicitado a intervir."

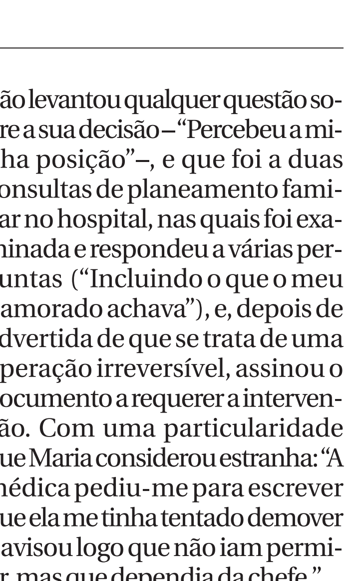
De acordo com o obstetra José Furtado Preso, membro do Colégio de Obstetrícia e Ginecologia da Ordem dos Médicos, sendo a "laqueação tubar um procedimento com objetivo bem definido no planeamento familiar, considerado método de contraceção definitiva que pode ser praticada por mulheres com mais de 25 anos", "não havendo contraindicação para o procedimento, o médico só pode recusar alegando objeção de consciência". O mesmo certifica a Entidade Reguladora da Saúde num relatório de 2009 sobre consentimento informado: "O legislador português consagrou expressamente um direito à esterilização, apenas exigindo que a pessoa seja maior de 25 anos."

A denúncia do caso do Hospital de Tomar surgiu na quarta-feira na conta de Instagram da Associação Escolha – cujo objetivo é defender os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, e que partilhou, com autorização de Maria, as mensagens que esta lhe enviou.

"Fiz o pedido no médico de família, que me encaminhou para o Hospital de Tomar. A médica que me atendeu lá avisou-me logo de que não iria ser aceite, mas ia passar à chefe do Departamento de Obstetrícia, a dra. Ivone", lê-se nas mensagens. "A dra. Ivone ligou-me hoje a dizer que não irão fazer o procedimento porque: tenho 32 anos, um filho de menos de 1 ano e não tenho nenhuma condição grave. Disse-me ainda que um dia o meu filho pode ficar doente e que [posso precisar] de fazer outro filho para o conseguir tratar (o que só por si é uma barbaridade de se dizer). Tudo isto foi por telefone e, quando tentei defender a minha posição – sei que tenho direito legal pela lei portuguesa –, recebi de resposta que ela não tinha tempo para falar comigo porque tinha pacientes com cancro para atender."

Contactada pelo DN, Maria conta que o seu médico de família não levantou qualquer questão sobre a sua decisão – "Percebeu a minha posição" –, e que foi a duas consultas de planeamento familiar no hospital, nas quais foi examinada e respondeu a várias perguntas ("Incluindo o que o meu namorado achava"), e, depois de advertida de que se trata de uma operação irreversível, assinou o documento a requerer a intervenção. Com uma particularidade que Maria considerou estranha: "A médica pediu-me para escrever que ela me tinha tentado demover e avisou logo que não iam permitir, mas que dependia da chefe."

A seguir, na quarta-feira 21 de agosto, aconteceu o telefonema relatado, da iniciativa da diretora de serviço. "Perguntei se podia fazer noutro sítio, e ela disse que não. Que nenhum hospital público me ia fazer e num privado só se quisessem o meu dinheiro – mas mesmo assim era muito difícil. Não invocou nenhum motivo clínico nem objeção de consciência, só disse aquilo sobre o meu filho, que tem 10 meses. Fiquei muito chocada, foi horrível vir com aquela ideia."



"Ligou-me a dizer que não irão fazer o procedimento porque tenho 32 anos, um filho com menos de 1 ano e não tenho nenhuma condição grave. Disse-me ainda que o meu filho pode ficar doente e que posso precisar de outro filho para o conseguir tratar."

Hospital: "Decisão não foi baseada em qualquer convicção pessoal"

O DN confrontou ontem o hospital com as afirmações atribuídas por Maria à diretora do serviço, solicitando que esta esclarecesse se efetivamente afirmou que o procedimento não seria feito ali, nem em outro hospital público, e se mencionou uma eventual doença do bebé.

A resposta que foi enviada ao jornal não contém esse esclarecimento, limitando-se a declarar: "A diretora do Serviço de Ginecologia-Obstetrícia recusa veementemente quaisquer suspeitas sobre a sua atuação clínica, ética e deontológica. (...) Numa conversa telefónica informal mantida com a utente, confirma que interrompeu as consultas de Cirurgia Oncológica, para informar a utente sobre a sua atual não-elegibilidade para o procedimento – um parto muito recente, há menos de um ano, e a necessidade de realizar um procedimento muito invasivo, com anestesia, que implica riscos (...). O critério que levou à decisão tomada (...) foi exclusivamente clínico (...)."

Também a resposta do hospital às perguntas do DN, enviada antes do esclarecimento da médica, invoca "critérios única e exclusivamente clínicos". Mas assevera que "a utente foi informada de que poderia solicitar referenciação para outra unidade do SNS. (…) Foi explicado à utente, pela diretora do Serviço (...), como deveria proceder para ser referenciada para outra unidade do SNS".

Sublinhando que "a Direção de Serviço de Ginecologia-Obstetrícia (...) cumpre escrupulosamente o postulado na lei e respeita integralmente a decisão pessoal de cada uma das suas utentes em matéria de planeamento familiar, bem como a sua autonomia" e que "em momento algum, neste caso



Caso relatado ocorreu na quarta-feira 21 de agosto. Maria vai apresentar queixa e exigir uma justificação formal da recusa.

RAFA ELIAS / GETTY IAMGES

particular, esses direitos foram postos em causa", o hospital explica que "foi considerado (…) que a realização deste procedimento cirúrgico (...) num momento de pós-parto/puerpério da utente, envolveria riscos para a sua saúde que são desproporcionais. Especialmente tendo em conta que não existem quaisquer critérios clínicos que a exijam, bem como a existência de alternativas contracetivas menos invasivas, que foram disponibilizadas gratuitamente à utente, sem sucesso".

Garante ainda que não esteve em causa objeção de consciência, porque nenhum dos clínicos do departamento é objetor para a esterilização. "Esta decisão (...) foi tomada após uma cuidadosa avaliação do estado de saúde reprodutiva da mesma – puérpera, com um filho de idade inferior a um ano – e das suas necessidades contracetivas (…) e de forma alguma baseada em qualquer convicção pessoal."

"Trata-se de um óbvio incumprimento da lei – é o chamado poder médico"

"Dizerem que a recusa foi por motivos clínicos colide com a informação que dão sobre a disposição de me referenciarem para outro hospital: o outro hospital ia ter outros critérios?", questiona Maria. "Sendo que em momento nenhum recebi qualquer comunicação do hospital a dizer que iria ser encaminhada para outro hospital."

Também a menção ao puerpério a deixa perplexa: "Que eu saiba, não estou em 'pós-parto', nem em puerpério. E não houve nenhuma referência a isso, nem do meu médico de família, nem da outra médica da consulta de planeamento familiar do hospital, nem sequer pela dra. Ivone. Aliás fizeram-me uma ecografia para ver se havia alguma condição que objetasse à laqueação, e não havia. Nada justifica a informação que o hospital está a dar."

De facto, obstetras consultados pelo DN, assim como a informação disponível em vários *sites* de saúde, atestam ser o puerpério o período de 42 dias após o parto. "A definição de puerpério é o período de seis semanas após o parto e no qual ocorre a regressão das alterações próprias da gravidez", informa o já mencionado membro do Colégio da Especialidade da Ordem dos Médicos. "Existem ainda autores que falam na primeira menstruação após o parto. Nestes casos relacionados com a amamentação, e até com a contraceção, o período alarga para além das seis semanas. A primeira em termos práticos é mais consensual."

Uma obstetra com muitos anos de profissão e que já exerceu funções diretivas, mas prefere não ser identificada, começa por advertir que "mesmo se a utente estivesse em puerpério ou em pós-parto imediato podia-se fazer a laqueação". Mas, prossegue, "não está, e preencheu todos os trâmites legais para fazer a laqueação (tem idade para, requereu, assinou)". Por outro lado, frisa, "nenhuma decisão dessas é comunicada pelo telefone. Tem de haver uma consulta e a utente tem direito a uma justificação por escrito. Se houver recusa invocando objeção de consciência, tem de se referenciar para outro médico/serviço."

Pelo que, conclui, "trata-se de um óbvio incumprimento da lei. Podem alegar que têm muito trabalho, que as condições de cirurgia são más, remeter para outra unidade, mas não podem recusar, muito menos nestes termos. No final, trata-se apenas de uma coisa chamada poder médico. A noção que ainda existe em muitos médicos de que a sua opinião, o seu julgamento, devem prevalecer sobre a vontade e decisão do utente."

Até 2009, Código Deontológico contrariava lei: laqueação só se médico concordasse

Uma noção de "poder médico" que no que respeita à esterilização voluntária esteve até 2009 inscrita no Código/Estatuto Deontológico da Ordem dos Médicos, contrariando a lei da República.

De facto, no artigo 54.º (Esterilização) do referido Código lia-se: "A esterilização irreversível só é permitida quando se produza como consequência inevitável de uma terapêutica destinada a tratar ou evitar um estado patológico grave dos progenitores ou dos filhos". Impunha-se como "particularmente necessário" que "se tenha demonstrado a sua necessidade"; "que outros meios reversíveis não sejam possíveis"; "que, salvo circunstâncias especiais, os dois cônjuges tenham sido devidamente informados sobre a irreversibilidade da operação e as suas consequências". Dizia ainda, quanto à "esterilização reversível", que seria apenas autorizada "perante situações que objetivamente a justifiquem, e precedendo sempre o consentimento expresso do esterilizado e do respetivo cônjuge, quando casado".

Assinale-se a coincidência entre algumas destas condições – só se "permitir" a esterilização definitiva quando se demonstrasse a sua necessidade e outros meios reversíveis não fossem possíveis (em suma, quando o médico achasse bem) – e as justificações apresentadas pelo hospital para a recusa da laqueação: não havia "quaisquer critérios clínicos" a exigi-la, existindo "alternativas contracetivas menos invasivas".

Em contraste, o atual Estatuto Deontológico dos Médicos determina, no artigo 74.º, "Laqueação turbária e vasectomia": "Os métodos de esterilização irreversível, laqueação tubária e vasectomia só podem ser realizados a pedido do próprio e com o seu expresso e explícito consentimento pleno, após esclarecimentos detalhados sobre os riscos e sobre a irreversibilidade destes métodos"; "Exceto em situações urgentes com risco de vida, é desejável a existência de um período de reflexão entre esta prestação de esclarecimentos e a tomada final da decisão."

Houve, da versão anterior para a atual, não só a obrigatória compatibilização com a lei, como uma correta reperspetivação: agora o centro é a vontade e liberdade do indivíduo e não o poder e o julgamento (inclusive moral) do médico. "Assim está correto", comenta outra obstetra ouvida pelo DN, que igualmente prefere não ser identificada. "Se me aparecer uma mulher com 32 anos que quer fazer laqueação, falo com ela, para ter a certeza de que percebe as implicações: se vier a mudar de ideias só poderá engravidar por procriação assistida. Mas não posso recusar por achar que se pode arrepender. A lei não impõe qualquer restrição, nem sequer que já tenham filhos. Portanto se uma mulher, depois de devidamente esclarecida, me diz que quer fazer, só tenho de obedecer, ou remeter para outro profissional. É uma questão de bom senso, de respeito. Não podemos usar a nossa profissão, os nossos conhecimentos e estatuto, como uma arma de poder".

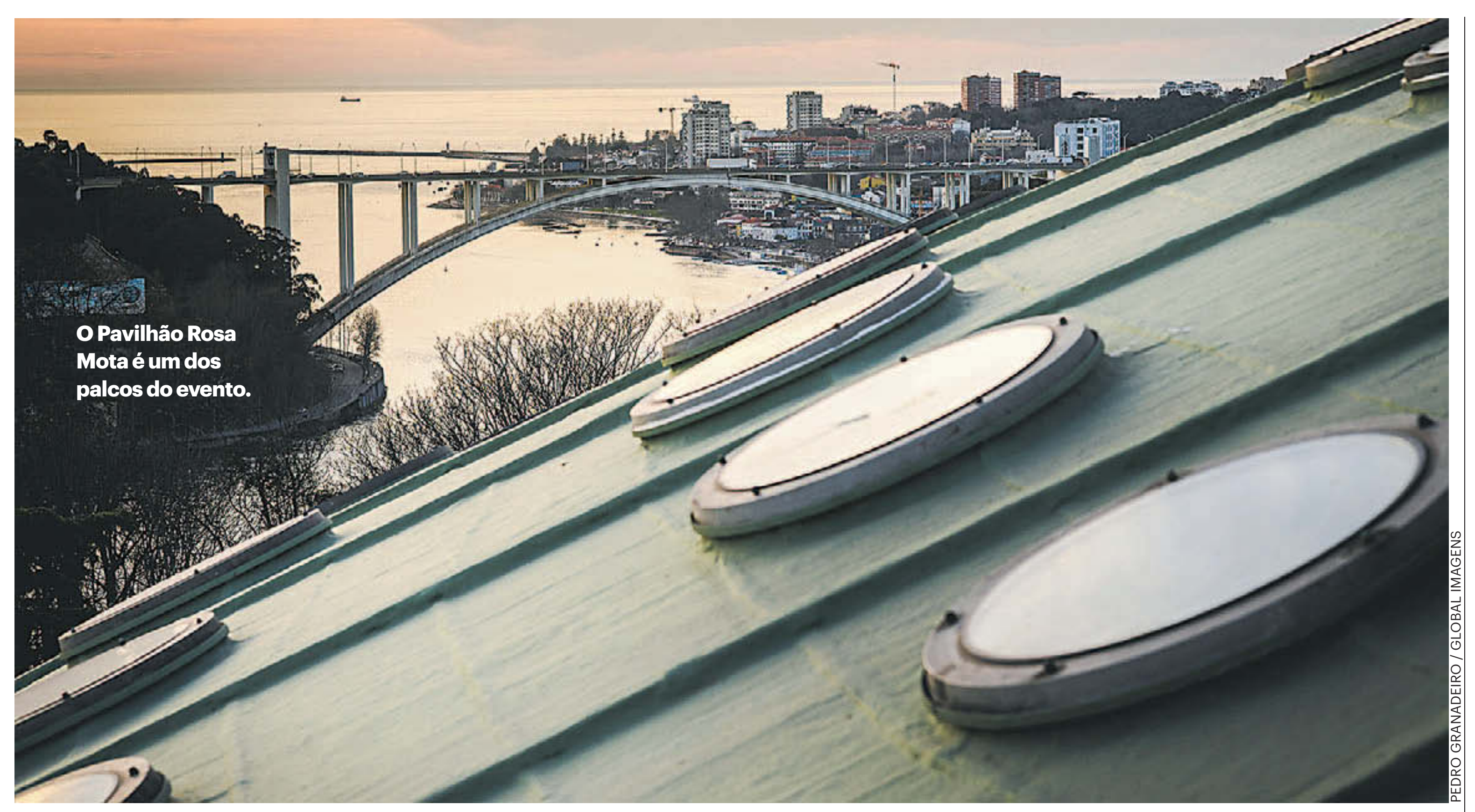
> "Se me aparecer uma mulher de 32 anos que quer fazer laqueação falo com ela, para ter a certeza de que percebe as implicações. Mas não posso recusar por achar que se pode arrepender. A lei não impõe qualquer restrição, nem sequer que já tenham filhos."

Hospital espera "queixa formal" para investigar caso

Maria não podia estar mais de acordo: "Entretanto falei com outras mulheres que tentaram laquear as trompas e nenhuma tinha conseguido. Às vezes parece que há quem escolha Obstetrícia para poder limitar as escolhas das mulheres. "

O DN não conseguiu, em tempo para este artigo, confirmar a existência de outras recusas de laqueação de trompas em hospitais portugueses. Quanto ao Hospital de Tomar, malgrado ter justificado publicamente a decisão da diretora deServiço de Obstetrícia, faz depender uma análise formal da situação da existência de uma queixa escrita: "Não foi registada qualquer reclamação formal pela utente em causa desta denúncia enviada à comunicação social (seja através do Livro de Reclamações, seja por qualquer comunicação junto do Gabinete do Utente da ULS Médio Tejo)", declara. "Sem a existência de uma reclamação formal, não pode o Conselho de Administração tomar qualquer medida."

Maria, que contactou a Associação Escolha precisamente para obter ajuda na queixa contra o hospital, tem revolta na voz. "Claro que vou fazer queixa. Mas acho surreal que seja necessário fazer uma reclamação escrita no Livro de Reclamações depois de todo este tratamento, quando dizem que a política do hospital é uma e a chefe de Obstetrícia diz ser outra. E quando a decisão do hospital me foi comunicada por telefone, e não formalmente. O que é bastante conveniente, pois assim não tenho provas do que me foi dito e recusado. Podem agora invocar um motivo que nunca foi invocado e alegar que me disseram que podia ser reencaminhada, o que não aconteceu."


O Pavilhão Rosa Mota é um dos palcos do evento.

PEDRO GRANADEIRO / GLOBAL IMAGENS

Guerras, incêndios e refugiados em destaque em conferência no Porto

DESAFIOS A cidade recebe a 16.ª Conferência da Associação Europeia de Sociologia. O DN falou com Lígia Ferro, presidente desta entidade, que explica o papel da sociologia na sociedade atual.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Incêndios florestais e alterações climáticas, guerras e conflitos, refugiados, pandemias, mas também as questões de género são alguns dos temas em debate na 16.ª Conferência da Associação Europeia de Sociologia (ESA), presidida pela socióloga portuguesa Lígia Ferro.

O certame decorre no Porto a partir de hoje, terça-feira, 27, e estende-se até sexta, 30. Estarão presentes quase cinco mil sociólogos e outros investigadores científicos, de toda a Europa. "Como pode a Sociologia transformar a tensão em confiança e desenhar cenários alternativos que viabilizem um mundo melhor e assim transformem a vida das pessoas?", é o mote da conferência.

Ao DN, Lígia Ferro explica o impacto da Sociologia na vida quotidiana. "A força da Sociologia está na sua multiplicidade de teorias e metodologias que permitem abordar e compreender desde as relações microssociais às estruturas e dinâmicas macrossociais", começa por explicar a socióloga. "A partir destes instrumentos, a Sociologia desvela as causas e as consequências das desigualdades sociais de várias formas. A Sociologia analisa cientificamente os fenómenos sociais atuais, fornecendo dados sólidos para diagnosticarmos os problemas e assim podermos fazer recomendações para políticas públicas e intervenções no terreno", acrescenta.

Ao mesmo tempo, a partir deste conhecimento, segundo Lígia Ferro, "a Sociologia melhora a vida das pessoas e os seus quotidianos. Diria que a Sociologia faz a diferença nos quotidianos das pessoas porque contribui para os melhorar através de conhecimento útil para a sua vida", refere ainda a socióloga, ao DN.

"Diria que a Sociologia faz a diferença nos quotidianos das pessoas porque contribui para os melhorar através do conhecimento útil para a sua vida."
Lígia Ferro
Socióloga e presidente da ESA

Dos temas em debate na 16.ª Conferência da Associação Europeia de Sociologia todos, na opinião da presidente da ESA, impactam Portugal. "Vivemos numa sociedade global e qualquer tema de debate neste congresso toca sempre Portugal", analisa. Ainda assim, frisa: "Podemos dizer que há temas de interesse mundial que afetam mais Portugal, como é o caso das desigualdades sociais geradas a partir de uma articulação entrelaçada entre variáveis como a classe social, a etnia, a identidade de género, a idade ou a origem territorial, entre outras, das migrações forçadas, das alterações climáticas e sustentabilidade, das guerras, do crescimento dos discursos de ódio, da era digital e a desinformação, da crise da democracia, do populismo e política da instabilidade e do acesso livre de todos os cidadãos à ciência."

Esta é a segunda vez que a conferência se realiza em território português. A primeira foi em Lisboa, há 15 anos, em 2009. Será a primeira vez que a cidade do Porto acolhe o evento. "Beneficiar da discussão destes temas no seu território será uma oportunidade única para Portugal, constituindo-se, assim, como um espaço privilegiado para diagnosticar tensões contemporâneas, contribuindo para a construção da confiança e a transformação das sociedades europeias."

O evento celebra, ainda, os 30 anos da ESA e irá passar por diversos locais, no Porto, como o Pavilhão Rosa Mota, a Alfândega do Porto, a Casa da Música e várias faculdades da Universidade do Porto.

A Conferência Anual da Associação Europeia de Sociologia (ESA) atingiu, este ano, o número recorde de 4800 submissões, provindas de toda a Europa. Para lá da oferta de 50 bolsas a participantes europeus, todos os académicos ucranianos, deslocados devido à guerra, tiveram acesso à inscrição gratuita para o evento, no âmbito do fundo de solidariedade da ESA.

Além da ESA estão envolvidos na organização do certame um consórcio de centros de investigação e universidades da zona Norte e Centro de Portugal, entre os quais o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, sempre em articulação com a Associação Portuguesa de Sociologia (APS), a segunda associação com maior número de membros a nível global.

O evento foi precedido, no passado fim de semana, de uma *Escola de Verão* com 25 alunos de doutoramento.

isabel.laranjo@dn.pt

4 800

Inscrições Na sua 16.ª edição, a conferência da ESA tem um número recorde de sociólogos e investigadores inscritos. É a primeira conferência presencial, pós-pandemia.

Burocracia e informações erradas no serviço público prejudicam nómadas digitais

NOVAS REGRAS "Dizem precisar do NISS para dar entrada na Autorização de Residência, mas, para obter o NISS, é preciso ter dado entrada na Autorização de Residência, é um *looping* eterno", relata um nómada digital brasileiro ao DN.

TEXTO **AMANDA LIMA**

É mais um episódio da "pescadinha de rabo na boca" em Portugal: imigrantes que chegam ao país com visto de nómadas digitais esbarram na burocracia e na falta de informação dos serviços públicos. Com o fim das Manifestações de Interesse, a Segurança Social mudou as regras para o pedido de inscrição, impedindo que nómadas digitais com o respetivo visto possam obter o título de residência.

Foi o que aconteceu com o brasileiro Alexandre Autran, de 30 anos, que chegou a Portugal no dia 2 de junho com visto de nómada digital. Quase três meses depois, o gestor de produtos e a esposa andam de um serviço público para o outro em busca de conseguir efetivar a moradia do país, com a troca do visto no passaporte pelo título de residência . "Dizem precisar do Número de Identificação da Segurança Social (NISS) para dar entrada com a Autorização de Residência, mas, para obter o NISS, é preciso ter dado entrada na Autorização de Residência, é um *looping* eterno", diz ao DN o jovem, que começou o plano de emigrar para Portugal desde 2019 e pagou mais de 4 mil euros na mudança com os pedidos de visto ainda no Brasil.

O impedimento surge após as mudanças que a Segurança Social (SS)realizou no sistema de inscrições depois do fim das Manifestações de Interesse. Até então, era possível pedir o número da SS no portal *online*, mas, agora, é preciso ter já o título de residência antes do pedido. A medida foi implementada para impedir que pessoas sem visto efetuassem a solicitação, como ocorria antes. No entanto, imigrantes com visto de nómadas digitais ficaram de fora dessa solução. Alexandre trabalha para uma empresa de Londres e já teve outras experiências de trabalho e estudo na Europa.



ANDRÉ ROLO / GLOBAL IMAGENS

Na Segurança Social em Lisboa, o imigrante ouviu que deveria ir-se embora de Portugal.

As dificuldades começaram ainda antes da chegada ao novo país, escolhido por estar perto de familiares do casal, que moram na Bélgica e Portugal. Contrariando o que determina a lei de junho de 2022, não receberam previamente o número NISS, nem o NIF (Identificação Fiscal), nem o de utente do SNS. O incumprimento tornou-se comum há meses.

Também não foi efetuada uma marcação prévia para serem atendidos na Agência de Integração, Migrações e Asilo (AIMA) na chegada a Portugal. Foi preciso ligar milhares de vezes até conseguir uma chamada e ouvir "não há vagas". Alexandre também tentou consultar o *site* da AIMA, mas não há nenhuma informação no portal sobre esse tipo de visto. Então, decidiu ir presencialmente à loja da AIMA em Lisboa, chegando às 2.00 horas da madrugada, quando cerca de 30 pessoas já estavam na fila. Teve a sorte de conseguir uma das 30 senhas distribuídas e foi atendido às 12.00 horas. "Foi quando me disseram que não conheciam o meu tipo de visto, mesmo impresso no meu passaporte", explica. Sem desistir, foi até à sede da Segurança Social, em busca de informações do NISS.

Lá, a resposta foi: é preciso arranjar um trabalho em Portugal para ter a inscrição na Segurança Social e depois trocar o visto no passaporte pela Autorização de Residência. O problema é que a orientação dada pela funcionária da Segurança Social é ilegal na modalidade de visto de nómada digital. "Para retirar o visto, preciso comprovar Residência Fiscal fora de Portugal e o NISS exige contrato de trabalho em Portugal, o que é expressamente proibido para mim, na minha modalidade de visto. Não posso trabalhar no país", argumenta o brasileiro. O imigrante relata ao DN que não imaginava passar por esta situação. "Cobram-me pelo processo de solicitação de visto, acatam o meu pedido, viajo e, após chegar ninguém nem sabe o que devo fazer. Meu visto é de nómada digital e ninguém, nem na AIMA, nem na SS sabe o que é, ficam a dizer que preciso encontrar emprego", lamenta.

A situação prejudica não só Alexandre, mas também a esposa, que veio com visto de reagrupamento familiar. Sem a documentação, o casal fica impedido de abrir uma conta no banco e arrendar imóveis com contrato, por exemplo. "Já tive visto de residência para a Bélgica e para a Espanha e nunca passei por nada parecido, mesmo já tendo experienciado típicas dificuldades burocráticas", destaca.

Segundo o nómada, é difícil compreender por que alguns funcionários públicos em Portugal não conhecem a própria legislação. "Como é possível que os funcionários públicos que recebem os imigrantes na AIMA não conheçam a própria lei de imigração? Como um funcionário público da Segurança Social nos manda embora do país quando exigimos um direito garantido pela lei local?", desabafa.

O que a AIMA e a Segurança Social dizem

Questionada pelo Diário de Notícias, fonte oficial da Segurança Social informa que é possível solicitar o NISS anexando no portal a cópia "do contrato de trabalho ou contrato de prestação de serviços com entidade sediada fora de Portugal". A resposta dada ao DN não consta no portal, nem foi dita ao imigrante nas vezes em que buscou a informação na entidade.

Sobre o facto de a funcionária ter mandado o imigrante embora do país, a SS apenas respondeu que "os trabalhadores do Instituto de Segurança Social devem sempre pautar a sua atuação pelo cumprimento estrito do Código de Ética e Conduta existente na instituição que, entre outros aspetos, orienta os trabalhadores para a prestação de um serviço público com elevados padrões de qualidade, transparência, rigor e imparcialidade, visando um serviço público executado com competência, proporcionalidade e cortesia, com respeito pelos princípios administrativos da legalidade, que garanta os direitos e interesses legítimos dos cidadãos".

Já a AIMA respondeu ao DN que reconhece a falta de informação no *site* e que está a trabalhar na "correção de lacunas" sobre o assunto. A respeito de a funcionária dizer ao imigrante que desconhece esse tipo de visto e de mandar o imigrante sair do país, a AIMA não respondeu.

amanda.lima@dn.pt







Minas do Lousal. Viagem a um passado de exploração mineira

As Minas do Lousal, localizadas no Alentejo, são um testemunho impressionante da história da mineração no país. Conhecidas pela extração de pirite, estas minas, que operaram durante quase um século e terminaram a exploração mineira em 1988, deixaram uma marca indelével na paisagem e na comunidade local. Hoje, transformadas num museu e centro de ciência, as Minas do Lousal oferecem aos visitantes uma viagem fascinante ao mundo subterrâneo da mineração, revelando as técnicas, os desafios e o impacto social desta atividade. As cores vibrantes dos minerais, as galerias labirínticas e a maquinaria pesada preservada no local criam uma atmosfera única, que nos transporta para o passado e nos convida a refletir sobre a importância da mineração na História e no desenvolvimento da sociedade.



FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**





Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." O resultado foi este.

Honório Oliveira

Bartender, World Class Portugal (Reserve brand embassador da Diageo)

"Se fosse um meme era daqueles com os velhotes dos *Marretas* a gozarem com os outros"



MAYUKA_TIAGO MAYA

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Talvez a possibilidade de viajar no tempo.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Universo *Star Wars*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Não sou muito de comidas estranhas, mas de vez em quando arrisco, especialmente em viagens. Lembro-me em Pequim de experimentar uns passarinhos fritos numa feira de comida de rua que se comiam inteiros tipo joaquinzinhos.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Talvez o pico de uma civilização que já não exista, como as civilizações meso-americanas, ou o Antigo Egito ou o Império Romano.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Mandrake.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Provavelmente a Lambada ou a Macarena, felizmente há muitos anos, quando estas músicas estavam nos *tops*.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Teria de escolher uma daquelas pessoas que inspiraram massas com as suas ações, talvez Mahatma Ghandi.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Sing It Back, dos Moloko.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Talvez dentro de um dos muitos episódios do universo *Poirot*, acho que gostaria de ter vivido nessa altura.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Talvez uma ave de rapina de grande porte, para poder voar (*uau!*) e não ter de me preocupar muito em ser presa.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Mousse de chocolate caseira, mesmo não atestando a sua qualidade muitas vezes arrisco. Se for boa não resisto.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia da Família. Penso que hoje existe uma grande crise de valores e a família é um dos que mais sofre. Este feriado seria celebrado em família e todos os negócios estariam fechados para todas as famílias estarem reunidas.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Tenho alguns *hobbies*, como motas e fotografia, aos quais gostaria de dedicar mais tempo, mas nenhum deles é estranho ou incomum.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Talvez o Keanu Reeves, é um daqueles famosos que não liga muito ao que pensam dele e vive a vida com alguns valores bem presentes.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Sou daquelas pessoas péssimas para contar anedotas, nunca me lembro daquelas que são mesmo boas.
Mas depois de puxar pela cabeça, aqui vai:
Diz uma criança: "só tenho quatro dias de vida. A minha mãe vai morrer daqui a seis dias. E o meu pai tem 30 dias para morrer também.
Dito e feito: quatro dias depois, a criança faleceu. Seis dias depois a sua mãe.
O pai, desesperado, vendeu tudo o que tinha e gastou todo o dinheiro o mais rápido que pôde. 30 dias depois, quem morreu foi o vizinho.
Moral da história: não tome decisões precipitadas!

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Talvez com abelhas ou formigas, para tentar perceber o porquê de trabalharem tão bem em equipa e qual a sua visão do mundo do ponto de vista de um animal tão pequeno e frágil.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Sou, ou penso que sou, um excelente cozinheiro.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Branco, uma mistura de muitas cores, fresquinho e leve.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Obrigado. Tento ser muito respeitador e ensinaram-me sempre a pedir por favor e a agradecer.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Energia barata para toda a gente.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Muita coisa, tornam-se compras ridículas porque nunca mais lhes toco (ex. patins em linha, prancha de *surf*, espingarda de pressão de ar, entre outras).

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Sou um bocado esquisito a comer e os meus pratos favoritos são Bacalhau à Brás e Iscas à portuguesa, mas tendo a consciência de que não seriam as opções mais saudáveis talvez optasse por Bacalhau cozido com todos, que também adoro.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Brincar na rua sem supervisão nas férias de verão e fazer muitos disparates.

Se fosse um meme, qual seria?
Um daqueles com os velhotes dos *Marretas* a gozarem com os outros.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Saber Receber.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Nunca fui adepto de videojogos, mas talvez o Super Mario por causa do Mario Kart – gosto muito de desportos motorizados.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
"– Era um copo de água por favor.
– Era ou é?"

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Talvez poder presenciar tomadas de decisão que influenciam o mundo inteiro.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Estou a dedicar algum do meu tempo livre à fotografia e tenho aprendido algumas coisas muito interessantes por causa deste *hobby*. Recentemente tive a oportunidade de fazer uma visita à exposição do fotógrafo Eduardo Gageiro, guiada pelo próprio. Foi uma experiência inesquecível, muito mundo, muita história. Realmente não estava à espera de ouvir aqueles testemunhos na primeira pessoa.



Havia 4,7 milhões de subscritores de pacotes de serviços no final de junho.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Famílias pagaram aos operadores mais 100 milhões até junho

TELECOMUNICAÇÕES Receitas de Meo, NOS, Vodafone e Nowo subiram 5,3% nos primeiros seis meses. Pacotes custam em média 38,99 euros. Preços cresceram mais de 12% desde 2023.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

As receitas retalhistas da Meo, NOS, Vodafone e Nowo totalizaram 2040 milhões de euros entre janeiro e junho, mais 5,3% face a igual período de 2023 (1936 milhões de euros). Comparativamente com os primeiros seis meses do ano passado, os consumidores pagaram mais 100 milhões de euros por telecomunicações em Portugal.

Os números são do relatório da Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom) sobre os pacotes de comunicações eletrónicas no 2.º trimestre deste ano, e refletem o aumento de preços dos serviços. Desde fevereiro deste ano, as principais empresas de telecomunicações agravaram os preços até 4,3%, em linha com a média anual da inflação do ano passado. Já em 2023 tinham atualizado os preços até 7,8%.

Segundo o regulador, 53,7% da faturação dos operadores tem origem nas ofertas em pacote (conjunto de serviços, como televisão, internet e telefone, contratualizados num único contrato com o operador). A receita proveniente dos serviços em pacote cresceu 9,1%, para 1096 milhões de euros, com a Anacom a registar "há quatro trimestres consecutivos" um crescimento homólogo desta parcela das receitas "em torno de 9%, o que não ocorria desde 2016".

"Cerca de 86,7% das receitas retalhistas dos serviços em pacote, registadas entre janeiro e junho de 2024, resultaram do segmento residencial, totalizando 950 milhões de euros", acrescenta o regulador das comunicações. Já 13,3% vieram do segmento não-residencial (empresas e outras entidades coletivas), somando 146 milhões de euros.

Consumidores pagaram mais de dois mil milhões de euros à Meo, NOS, Vodafone e Nowo. Mais de 50% das receitas dos operadores tem origem nos pacotes. Faturação destes serviços cresce em torno dos 9% há quatro trimestres consecutivos, segundo a Anacom.

Os pacotes que agregam quatro ou cinco serviços (4/5P) foram a principal fonte de receita para os operadores, tanto no segmento residencial como no segmento empresarial.

Este tipo de oferta totalizou 750,3 milhões de euros (+11,6% em termos homólogos), correspondendo 68,4% do total das receitas com pacotes, ou 36,8% do total das receitas retalhistas dos operadores.

A faturação das *telecom* com pacotes que agregam três serviços (3P) cresceram 2,7%, para 298,6 milhões de euros, e as ofertas que juntam dois serviços no mesmo pacote geraram uma receita de 47,4 milhões de euros (+12,1%).

No final de junho, a receita média mensal por subscritor de pacote ascendia a 38,99 euros (valor sem IVA), mais 6,5% em igual período do ano anterior.

"No caso das ofertas 4/5P a receita média mensal foi de 47,46 euros (+5,1%) e de 30,21 euros no caso das ofertas 3P (+5,3%)", de acordo com a análise da Anacom.

Por segmento, o valor médio mensal que cada subscritor residencial pagou aos operadores por estes serviços conjuntos variou entre 17,38 euros nas ofertas 2P e 46,50 euros nas ofertas 4/5P, enquanto no segmento não-residencial variou entre 23,95 euros e 51,78 euros, respetivamente (valores sem IVA incluído).

Número de assinantes cresce 2,3%

No final de junho, registavam-se 4,7 milhões de subscritores de pacotes de serviços, mais 2,3% (ou 107 mil) do que há um ano. E, tal como os valores das receitas retalhistas demonstram, as ofertas 4/5P são as que juntam o maior número de assinantes (2,7 milhões de subscritores, mais 6,3%). As ofertas 3P atraíam 1,6 milhões de subscritores e os pacotes 2P 401 mil.

"As ofertas 3P verificaram o maior decréscimo anual desde 2015 (-3,5%)", de acordo com o organismo que supervisiona o setor das telecomunicações.

A Meo continuava a ser o operador com maior quota de subscritores de serviços em pacote (41,7%), seguindo-se a NOS (35,0%), a Vodafone (20,6%) e a Nowo (2,6%). Comparativamente com o período homólogo, a Meo e a Vodafone aumentaram o número de assinantes em 0,4 pontos percentuais e 0,1 pontos percentuais, respetivamente, enquanto a NOS e a Nowo registaram quedas de 0,4 pontos percentuais e 0,2 pontos percentuais.

Os operadores Meo, NOS, Vodafone e Nowo também encontram fonte de faturação noutras tipologias de serviços. As receitas retalhistas dos serviços móveis ascenderam a 682,9 milhões de euros entre janeiro e junho, valor que compara com os 660,3 milhões de euros faturados em período homólogo. Já as receitas retalhistas com serviços fixos individualizados recuaram 0,3%, para 227,8 milhões de euros, e os proveitos com "outros serviços" caíram 22,7%, para 32,7 milhões de euros.

jose.varela@dinheirovivo.pt



Sobrevivente à explosão de um míssil russo na região de Odessa, um casal abraça-se.

SERVIÇOS DE EMERGÊNCIA DA UCRÂNIA / AFP

Kiev promete ripostar a um dos maiores ataques aéreos russos

GUERRA Ucrânia diz ter abatido mais de 100 mísseis e outros tantos *drones* russos, mas 25 atingiram alvos, e promete contra-atacar.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

A Rússia voltou a demonstrar que mantém o seu poder de fogo ao lançar um dos maiores ataques aéreos desde o início da invasão da Ucrânia, quando horas antes um ataque dirigido a um hotel em Kramatorsk, na região de Donetsk, visou uma equipa de reportagem da Reuters, tendo matado o conselheiro de Segurança, um ex-militar britânico, e ferido dois jornalistas. Enquanto o presidente ucraniano reiterava o apelo para os Aliados largarem as restrições da utilização de armas de longo alcance, elementos próximos de Volodymyr Zelensky prometeram ripostar.

Segundo Kiev, Moscovo lançou 127 mísseis e 109 *drones* em 15 regiões ucranianas. Ainda que, de acordo com o comandante da Força Aérea ucraniana, Mykola Oleshchuk, 102 mísseis e 99 *drones* tenham sido abatidos, foram atingidas infraestruturas energéticas – com a barragem hidroelétrica de Kiev à cabeça –, a par de outros alvos civis.

De acordo ainda com as autoridades ucranianas, o ataque envolveu meios russos colocados em nove regiões russas, na península anexada da Crimeia e na parte oriental do Mar Negro. Estes dispararam mísseis hipersónicos *Khinzal*, mísseis balísticos *Iskander*, mísseis de cruzeiro e guiados, além dos *drones* de ataque tipo *Shahed*.

Morreram pelo menos cinco pessoas e foram feridas 47. "Poderíamos fazer muito mais para proteger vidas se a aviação dos nossos vizinhos europeus operasse em conjunto com os nossos F-16 e sistemas de defesa aérea. Se essa unidade se revelou eficaz no Médio Oriente, deve funcionar também na Europa", disse Zelensky, apontando para o apoio dos EUA a Israel. "Putin só pode atuar dentro dos limites que o mundo lhe impõe. A fraqueza e as respostas inadequadas alimentam o terror. A Ucrânia não pode ser limitada nas suas capacidades de longo alcance quando os terroristas não enfrentam tais limitações", continuou.

Coube ao seu chefe de gabinete, Andryi Yermak, e ao ministro da Defesa Rustem Umerov, o discurso marcial. "O desejo de destruir a nossa indústria energética vai custar caro aos russos e às suas infraestruturas", assegurou o primeiro. O depósito de combustível de Proletarsk, em Rostov, ardia nove dias após ter sido atingido por *drones* ucranianos e uma refinaria em Omsk – mais perto da Mongólia do que da Ucrânia – foi alvo de uma explosão na segunda-feira. "A Ucrânia está a preparar a sua resposta. Armas de produção própria", escreveu Umerov no Facebook.

No sábado, dia de comemoração da Independência da Ucrânia, Zelensky revelou a existência de uma arma nova, de desenvolvimento e produção própria: *Palianytsia*, um *drone* a jato. Apesar de não ter sido revelado o seu alcance, num vídeo de apresentação um gráfico alega que pode atingir bases aéreas e aeródromos militares a uma distância de 750 quilómetros. "Penso que será um fator de mudança, porque seremos capazes de atacar onde a Rússia não está à espera hoje em dia", disse o ministro da Tecnologia ucraniana, Mykhailo Fedorov, à Associated Press, e adiantou que o próximo passo é aumentar a produção.

cesar.avo@dn.pt

Moscovo teme pela prisão de Durov

O presidente francês negou que a detenção do empresário Pavel Durov, administrador do Telegram, seja consequência de uma "decisão política". Os meios políticos e militares russos receberam a notícia com indisfarçável incómodo, temendo que o franco-russo coopere com as autoridades judiciais e dê acesso àquela aplicação de que o Exército de Moscovo depende grandemente para comunicar.

Face às "falsas informações" lidas no X – Elon Musk faz parte da claque pela libertação de Durov –, Emmanuel Macron usou a conta naquela rede social para esclarecer que "cabe aos juízes decidir" sobre o "inquérito judicial em curso".

A prisão preventiva do bilionário de 39 anos foi prolongada por não responder a ordens judiciais e acolher no Telegram grupos que se dedicam a atividades ilegais.

Horas depois de a propagandista do regime Margarita Simonyan ter dito no Telegram para os utilizadores apagarem informações sensíveis, na segunda-feira os jornais russos destacaram a prisão de Durov. "O golpe ao Telegram ameaça tornar-se num golpe à Rússia", era a manchete do *Nezavisimaya Gazeta*. Já o *Komsoloskaya Pravda* disse que "o objetivo de Macron e companhia é obter todas as chaves de informação confidencial, em especial sobre a Rússia, que partilharão de bom grado com os americanos". **C.A.**



Pavel Durov
Administrador e cofundador do Telegram


BERTRAND GUAY / AFP

Marine Le Pen e Jordan Bardella foram recebidos ontem no Palácio do Eliseu por Emmanuel Macron.

Macron descarta Governo da Nova Frente Popular

IMPASSE A França Insubmissa, a maior força da alianças das esquerdas, vai avançar com uma moção de destituição contra o presidente francês.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Emmanuel Macron recusou ontem nomear como primeira-ministra Julie Castets, a candidata de esquerda, em nome da "estabilidade institucional" e convocou uma nova ronda de consultas com partidos e "personalidades" para superar o bloqueio político causado pelas Eleições Legislativas antecipadas de 30 de junho e 7 de julho.

"Um Governo baseado apenas no programa e nos partidos propostos pela aliança com maior número de deputados, a Nova Frente Popular, seria imediatamente censurado" na Assembleia Nacional afirmou, em comunicado, o presidente francês, que retomará hoje as consultas aos partidos.

Macron apelou ainda aos líderes políticos para que demonstrem "espírito de responsabilidade", exortando em particular o Partido Socialista, os ecologistas e os comunistas a proporem "caminhos de cooperação com outras forças políticas", numa referência a três dos quatro maiores partidos integrantes da Nova Frente Popular (NFP) e deixando de fora a França Insubmissa (LFI), de extrema-esquerda.

Antes deste anúncio de Emmanuel Macron, a NFP já tinha anunciado que só voltaria às negociações para discutir um Governo liderado por Castets. Face à decisão do Eliseu, o coordenador nacional da LFI anunciou em comunicado que uma moção de destituição contra o presidente "será apresentada pelos deputados 'insubmissos' na Assembleia Nacional nos termos do artigo 68.º da Constituição", para se opor a "um abuso de poder".

Manuel Bompard revelou ainda que "qualquer proposta para um primeiro-ministro que não seja Lucie Castets estará sujeita a uma moção de censura". "A gravidade do momento exige uma resposta firme da sociedade francesa contra o incrível abuso do poder autocrático de que é vítima", sustentou o coordenador da França Insubmissa, apelando a "marchas pelo respeito pela democracia". Este último apelo foi também repetido por Fabien Roussel, secretário-nacional do Partido Comunista, que anunciou que não participará nas novas negociações com Macron.

> Macron justificou a sua decisão com a "estabilidade institucional" e anunciou que retomará hoje as negociações com os partidos.

Antes, e depois de duas horas de reunião com Emmanuel Macron, a líder parlamentar do Reunião Nacional Marine Le Pen tinha deixado a garantia de que o seu partido votaria uma moção de censura contra "qualquer Governo de esquerda", afirmando ainda que a ausência de ministros "insubmissos" de um futuro Executivo não teria qualquer influência nesta decisão, já que, "a NFP é liderada pela França Insubmissa", numa referência à aliança das esquerdas que saiu vencedora nas Legislativas antecipadas e ao partido de extrema-esquerda que foi o mais votado dentro desta aliança. "Será Jean-Luc Mélenchon quem realmente liderará este Governo" se Lucie Castets for nomeada primeira-ministra.

ana.meireles@dn.pt

Ministro israelita deseja uma sinagoga na Esplanada das Mesquitas

JERUSALÉM Nova controvérsia do ministro de extrema-direita Ben Gvir, desmentido pelo Governo.

O ministro israelita da Segurança Nacional desencadeou nova polémica, ao questionar o estatuto da Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém Oriental, e afirmar que gostaria de construir uma sinagoga no local.

"Se pudesse fazer o que quisesse, colocaria uma bandeira israelita no local", disse o extremista Itamar Ben Gvir em entrevista à Rádio do Exército. O jornalista perguntou-lhe se construiria uma sinagoga no local se dependesse da sua vontade, ao que Ben Gvir respondeu de forma afirmativa.

Segundo o *statu quo* vigente desde a conquista de Jerusalém Oriental por Israel, em 1967, os judeus e fiéis de outras religiões, exceto a muçulmana, não estão autorizados a rezar, nem a ostentar símbolos religiosos na Esplanada das Mesquitas.

A Esplanada de Jerusalém Oriental, anexado por Israel, é o terceiro lugar santo do Islão, com o nome de complexo de Al Aqsa, e um símbolo da identidade palestiniana. É também o local mais sagrado para os judeus, que a denominam Monte do Templo. Nos últimos anos, nacionalistas religiosos israelitas de linha dura como Ben Gvir ignoraram diversas vezes as restrições do *statu quo*, provocando reações violentas por parte dos palestinianos. "Os árabes podem rezar onde querem, então os judeus deveriam poder rezar onde querem", declarou o ministro, assegurando que "a política atual permite aos judeus rezarem nesse local".

O gabinete do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu desmentiu Ben Gvir, ao esclarecer que "não há mudanças" na política sobre Jerusalém Oriental. "Desafiar o *statu quo* do Monte do Templo é um ato perigoso, desnecessário e irresponsável", afirmou o ministro da Defesa, Yoav Gallant.

A ONU classificou a ação como uma "provocação sem sentido" num momento de tensões regionais elevadas devido à guerra entre Israel e o movimento islamista Hamas em Gaza e aos confrontos diários entre Israel e o Hezbollah libanês.

O porta-voz da presidência da Autoridade Palestiniana, Nabil Abu Rudeineh, advertiu: "Al Aqsa e os locais sagrados são uma linha vermelha que não permitiremos que seja tocada de forma alguma". O Hamas considerou os comentários de Ben Gvir "perigosos" e pediu aos países árabes e muçulmanos que "assumam a responsabilidade de proteger os locais sagrados". **DN/AFP**


MENAHEM KAHANA / AFP

Itamar Ben Gvir, ultranacionalista e ministro da Segurança.

Cunhado de Hitler morreu impune no Brasil, diz investigador

INVESTIGAÇÃO Hermann Fegelein, casado com irmã de Eva Braun e braço-direito de Himmler, pode não ter sido executado em 1945, como reza a história. E, em vez disso, fugido com nazis, incluindo o *Führer*.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

"Como é possível não conseguir encontrar Fegelein? Continue a procurar! Eu quero vê-lo imediatamente! Se ele simplesmente nos abandonou, isso é deserção, traição! Traga-me Fegelein! Fegelein! Fegelein!", grita Adolf Hitler, numa das cenas mais famosas e parodiadas na internet do filme de 2004 de Oliver Hirschbiegel, *A Queda – Hitler e o Fim do Terceiro Reich*.

E quem é que Hitler tão desesperadamente procurava? Hermann Fegelein, casado com Gretl Braun, irmã de Eva Braun, e por isso cunhado do *Führer*, exercia as funções de assessor especial de Heinrich Himmler, o líder da organização paramilitar SS. Acusado de traição, foi executado a 28 ou a 29 de abril de 1945 em Berlim. Ou talvez não.

O investigador Marcelo Netto, que estuda a morte de Fegelein há mais de 15 anos e é autor do livro *O Homem Que Enterrou Hitler* (Editora Contracorrente, 2021), tem, segundo o próprio, "indícios, muitos indícios, mas não ainda a prova final", de que o cunhado de Hitler morreu na cidade de São Paulo, no Brasil, às 14.30 de 2 de outubro de 2008, em decorrência de um cancro no cólon.

"Mas a importância histórica maior de se provar que Fegelein escapou, é que, se ele escapou, escapou com Hitler porque em diversas versões da fuga de Hitler, Fegelein está com ele", diz Netto. "Logo, a versão de que o ditador alemão não se suicidou a 30 de abril de 1945 passa a ser menos uma teoria conspiratória e mais um facto concreto".

O investigador acredita mesmo que um idoso com quem se cruzou em 2007, numa feira de rua, no Bairro Cidade Dutra, em São Paulo, para onde se mudaram, em 1955, dezenas de membros de uma colónia alemã no Estado do Paraná, era o próprio Fegelein, sob o nome Hermann Volkert Ramsauer.

Com fotos do idoso germano-paulistano Ramsauer numa mão e do jovem Fegelein no auge do nazismo na outra, o perito criminal Eduardo Zochi concluiu, pela distância entre olhos e boca, pelo formato do crânio, pela pálpebra esquerda caída, pela curva do lábio e pela saliência do queixo, que elas são, "com 90% ou mais de certeza", da mesma pessoa.

E o grafotécnico Osvaldo Negrini Neto, autor de mais de 10 mil perícias criminais, também inferiu, pela inclinação axial, pelo calibre dos traços e pelo espaçamento intergramatical, que as assinaturas de Fegelein e Ramsauer são idênticas.

Netto entrou ainda em contacto com o "caçador de nazis" argentino Jorge Bordón, a quem um senhor chamado Juan Ruppel, na perspetiva de obter uma herança, pedira para investigar o seu tio-avô, Hans Ruppel, que trocara a Argentina pelo Brasil em 2003. Com acesso a certidões de nascimento, Bordón descobriu que o avô de Ruppel era Waldemar Fegelein, irmão de Hermann Fegelein, e que, por isso, Hans Ruppel e Hermann Fegelein, cujo nome completo era Hans Otto Georg Hermann Fegelein, são a mesma pessoa. Na prática, Fegelein usava partes do seu nome verdadeiro nas identidades falsas, dizem os investigadores que possuem ainda outros documentos deste mesmo homem.

Ruppel contou ainda a Bordón que o seu tutor fora um alemão chamado Horst Schmidt, ex-sargento às ordens de Fegelein na Alemanha nazi. E que Schmidt repetia que havia escapado da Europa num submarino na companhia de 50 nazis, entre eles, os irmãos Fegelein, Eva Braun e o próprio Hitler, a suposta fuga que já rendeu prateleiras de livros.

Fegelein, ao trocar a Argentina pelo Brasil e o nome Ruppel por Ramsauer, talvez por receio de ser apanhado, deixou 14 pistolas na posse do sobrinho-neto, entre as quais uma Parabellum calibre 45, número de série limitada 05, de valor inestimável por haver pertencido a Hitler, conforme se noticiou abundantemente na imprensa argentina.

Entretanto, por mais díspares que sejam as versões, todos os investigadores concordam em duas coisas: não houve testemunhas do suposto crime e jamais encontraram o corpo de Fegelein.



Hermann Fegelein (*à direita*) com o comandante das SS Karl Gesele, em 1942.

BUSCHEL / BUNDESARCHIV

Acresce que os pais de Fegelein, no pós-Guerra, asseguraram a um agente de contraespionagem norte-americano que um mensageiro havia dito que o seu filho e Hitler estavam "bem e a salvo na Argentina", conforme relata o historiador John Toland em *Adolf Hitler*, uma das mais respeitadas biografias do ditador.

Mas Fegelein não foi morto a 28 ou 29 de abril de 1945? Segundo a historiografia oficial, o nazi foi acusado de participar num complô contra Hitler, tramado por Himmler, que tentou negociar, supostamente sem o consentimento do *Führer*, a rendição dos alemães aos Aliados Ocidentais, excluindo a União Soviética.

Capturado no seu apartamento, em Berlim, foi morto após um julgamento marcial, dizem alguns historiadores. Já Traudl Junge, secretária de Hitler, fala numa execução, "como um cão", na chancelaria do Reich. E há rumores de enforcamento numa adega por membros das SS.

Entretanto, por mais díspares que sejam as versões, todos os investigadores concordam em duas coisas: não houve testemunhas do suposto crime e jamais encontraram o corpo de Fegelein.

Uma investigação deste tipo nunca está acabada até se obter "a prova final" que Marcelo Netto procura há 15 anos. O próximo passo do investigador, que foi jornalista, entre outros, do jornal *Folha de S. Paulo*, é viajar ao norte da Alemanha, onde teria nascido Hermann Volkert Ramsauer, o nome usado no Brasil por Fegelein, e provar aquilo que já sabe ao consultar documentos alemães: que nunca existiu, de facto, uma pessoa com aquele nome. Depois, outros passos virão.



Análise
Germano Almeida

O grande teste ucraniano

A invasão russa da Ucrânia e o crescimento do poder chinês no Indo-Pacífico sinalizam o momento de transição na construção de uma nova era prevista nos conceitos estratégicos russo e chinês: o objetivo comum de acabar com a hegemonia norte-americana.

Essa meta, que aos nossos olhos surge ameaçadora da ordem demoliberal que nos habituámos a viver, define-se pelo cunho autocrático e visa afastar o mundo económico, social e político que os EUA foram liderando no espaço Ocidental (na asserção de "Ocidente alargado", como o Kremlin gosta de rotular e que, na verdade, extravasa o Ocidente geográfico e hoje inclui países como o Japão, a Coreia do Sul ou a Austrália).

A ascensão da ordem autocrática sino-russa implica, essencialmente, três componentes: **1)** o robustecimento económico de Pequim, crescentemente ameaçador do domínio americano a esse nível; **2)** a construção de alianças alternativas com países como Brasil, Índia, África do Sul, Arábia Saudita, Paquistão (embora estes cinco com *nuances* que mantêm algum tipo de proximidade a EUA e Ocidente, como é disso exemplo Zelensky querer que seja a Índia a albergar a próxima Cimeira da Paz) ou, claro – e nestes casos de forma mais evidente – o Irão e a Coreia do Norte; **3)** a afirmação de uma suposta legitimidade de desafiar o direito de fronteira pós II Guerra Mundial, a coberto de um suposto imperialismo de conquista, baseado em revisionismos históricos, desenhados à medida dos interesses momentâneos dos ditadores locais.

Todo este movimento constitui, para nós, europeus, uma séria ameaça ao nosso modo de vida e aos valores que supusemos serem seguros nas últimas décadas – sobretudo desde que, há dois anos e meio, Vladimir Putin se atreveu a tentar invadir a Ucrânia.

Uma guerra de agressão na ponta Leste da Europa – em que o maior país do mundo em área e maior potência nuclear em quantidade de ogivas desafia, pela invasão ilegal, o maior país europeu em área (segundo maior, se incluirmos a Rússia no continente europeu) – é, sem dúvida, o grande teste ao que poderá prevalecer, perante os dois grandes blocos geopolíticos que estão a formar-se, mesmo à frente dos nossos olhos, que só deixaram de estar distraídos a 24 de fevereiro de 2022. Mesmo que, uma década antes, a anexação russa da Crimeia tivesse sido sinal de alerta tão gigantesco que se torna difícil de compreender como líderes como Obama, Merkel, Cameron ou Sarkozy não o tivessem percebido na altura.

Embora com diferenças internas relevantes, países como Rússia, China ou Irão assumem-se hoje com uma dualidade de difícil de lidar; são autocracias em que o interesse do povo é subjugado a uma suposta superioridade da projeção da grandeza nacional, mas tentam jogar numa suposta legitimidade externa, baseada na disputa pela primazia das organizações internacionais que contestam, ao mesmo tempo que vão criando outras, alternativas, mais à medida dos seus cunhos autoritários.

Prevalecer pelo exemplo

A Ucrânia viu-se apanhada nesta curva apertada da História. Não abdica de defender a sua soberania e integridade territorial – e deixou isso bem vincado quando, há dias, celebrou os 33 anos da sua independência em relação à extinta URSS.

A corajosa, ousada, arriscada, mas certamente genial (nas dimensões operacionais, simbólicas e estratégicas) incursão ucraniana em Kursk provou-nos que a Ucrânia está bem ciente de que o pior cenário para quem, em Relações Internacionais, quer fazer prevalecer os seus interesses fundamentais é demonstrar fraqueza, tibieza e vazios de poder.

Meio ano de hesitações e adiamentos por parte da maioria republicana no Congresso dos EUA custaram uma desvantagem estratégica no terreno que os ucranianos ainda estão a tentar mitigar. A juntar a isso, uma nova vaga de hesitações por parte de aliados cruciais como EUA, Reino Unido ou Alemanha em relação à extensão da legitimidade ucraniana de utilizar armas ocidentais em território russo limitou, fortemente, a possibilidade de as forças de Kiev travarem os ataques russos na região Kharkiv, municiados por alvos militares nas zonas fronteiriças de Belgorod, Kursk ou Bryansk.

Sem receio do cariz sigiloso da operação ousada, a Ucrânia impôs-se pela surpresa e pelo rasgo – e perante o sucesso da incursão em território russo tem agora um respaldo dos seus aliados que, provavelmente, nunca teria caso tivesse tido a prudência de solicitar uma autorização que devia ter tido, mas que tardava em chegar.

Kiev prevaleceu pelo exemplo – e pela força da razão das suas necessidades, totalmente legítimas, de defesa do seu território e consequente obrigação de inibir o inimigo de capacidade de lançar novos ataques, esses sim, criminosos e carecidos de qualquer tipo legalidade.

O arrojo proveio da necessidade. E a eficácia, até agora, da ação está a fornecer um novo tipo de margem negocial a quem, há dois anos e meio, se vê na iminência de ter de ceder território para beneficiar de uma suposta paz – que não mais seria que o congelamento de um conflito em que o invasor sairia fortemente premiado.

Quem duvida que isso o levaria a buscar por mais? Como Zelensky nos tem incessantemente recordado, "não se pode negociar com um maníaco".

O que se segue?

Enquanto a tensão cresce no Médio Oriente, e com o calendário a mostrar que faltam apenas 70 dias para a eleição presidencial nos EUA, russos e ucranianos nos parecem beneficiar de uma certa pausa mediática para pensar em novos passos nesta guerra que continua a ser incomportável.

Para a Ucrânia, os riscos de estender a ousadia em solo russo – foram os primeiros a fazê-lo em oito décadas, desde os nazis na II Guerra Mundial – são imensos. Mas, como acima se tentou explicar, nada fazer teria talvez tido riscos ainda mais acrescidos.

Das tropas de Kiev, e da cabeça do general Sirsky, já vimos feitos surpreendentes (basta verificar mais três quilómetros que, em Kursk, as tropas ucranianas terão avançado nos últimos dias). Mas não será de prever que a Ucrânia consiga prosseguir por território russo, sob pena de perder a capacidade de manter o controlo do que foi inesperadamente ocupado. É bem mais crível que Kiev aproveite os ganhos militares no terreno para os usar no campo negocial mais tarde – mesmo que isso não signifique regressar às fronteiras pré-24 de fevereiro de 2022.

A Ucrânia conta com a ajuda preciosa dos seus aliados, mas sabe que continuará a lutar – com ou sem eles. Por isso aposta, cada vez mais, na produção própria. No final da semana passada, os ataques na Rússia foram feitos com *Palianytsia*, o primeiro "*rocket drone*" de longo alcance, de conceção e fabrico 100% ucraniana. Zelensky promete mais armas 100% ucranianas, embora insista que isso não substitui a necessidade de continuar a receber armamento Ocidental.

É muito fácil – e parece até especialmente avisado e sensato – identificar os riscos e a imprudência da insistência ucraniana de ocupar território russo. Mas convinha, antes de enviarmos quaisquer conselhos aos nossos amigos ucranianos, lembrarmo-nos do que os levou a terem de assumir tão ousada jogada.

Talvez assim percebêssemos que estamos mesmo todos juntos – europeus do espaço UE, europeus extra-UE, europeus que pretendem aderir à UE, norte-americanos, canadianos, australianos, neozelandeses, japoneses, sul-coreanos – neste nosso destino ucraniano.

Nem todos têm a grandeza da coragem. Mas ainda menos conseguem perceber de onde ela vem.



É muito fácil (...) identificar os riscos e a imprudência da insistência ucraniana de ocupar território russo. Mas convinha, antes de enviarmos quaisquer conselhos aos nossos amigos ucranianos, lembrarmo-nos do que os levou a terem de assumir tão ousada jogada.

Especialista em Política Internacional

Eriksson. O treinador cavalheiro que também foi grande na despedida

1948-2024 O técnico sueco que deixou marca no Benfica e no futebol português morreu ontem, aos 76 anos, após uma longa luta contra um cancro no pâncreas. Passou os últimos meses a receber merecidas homenagens de clubes e despediu-se recentemente com um "obrigado por tudo" a treinadores, jogadores e adeptos.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA** E **NUNO FERNANDES**



Eriksson foi alvo de uma sentida homenagem no Estádio da Luz, em abril, durante o jogo com o Marselha.

Um verdadeiro *gentleman*! Era assim que Sven-Göran Eriksson era visto por todos, inclusive adversários, que sempre elogiaram a sua competência, simpatia e educação. O treinador sueco, que deixou marca no Benfica e no futebol português em duas passagens pela Luz nas décadas de 1980 e 1990, morreu ontem aos 76 anos, vítima de um cancro no pâncreas.

"Toda a gente sebe que tenho uma doença que não é boa. Todos adivinharam que era cancro e é mesmo, mas preciso de lutar da maneira que conseguir. Resta-me um ano, talvez, no máximo", tinha confessado em janeiro.

E por isso nos últimos meses visitou e foi alvo de inúmeras homenagens por parte de alguns clubes que treinou, entre eles o Benfica (a 11 de abril, num jogo contra o Marselha para a Liga Europa), e de outros que admirava, caso do Liverpool, que chegou a treinar por um dia em março num jogo de lendas a convite de Jürgen Klopp.

No Benfica, durante cinco épocas, repartidas por duas passagens (primeiro entre 1982 e 1984 e depois entre 1989 e 1992), venceu três Campeonatos Nacionais (1982-83, 1983-84, 1990-91), uma Taça de Portugal (1982-83) e uma Supertaça (1989). Foi ainda finalista da Taça dos Campeões Europeus (frente ao AC Milan) e da Taça UEFA (com o Anderlecht). "Mas, muito para além dos títulos, a marca de Eriksson no futebol português foi a de um revolucionário, de um treinador à frente do seu tempo. No plano social, destacou-se sempre pela elegância, educação e urbanidade. Um treinador e um homem verdadeiramente à Benfica", elogiou o clube da Luz.

Luz, Itália, Inglaterra

Eriksson nasceu na localidade sueca de Sunne, a 5 de fevereiro de 1948. E foi através do futebol que se tornou mundialmente famoso. Não pelos dotes de futebolista, mas sim por ser um treinador de excelência, que começou a dar nas vistas em 1982 quando levou o IFK Gotemburgo à conquista da Taça UEFA.

Tinha na altura apenas 34 anos e esse êxito fez com que o então presidente do Benfica, Fernando Martins, o fosse contratar. Chegou rodeado de dúvidas, afinal havia jogadores no plantel que eram mais velhos que o sueco.

Mas rapidamente ganhou o respeito de todos, revolucionando o futebol do Benfica e de Portugal. Rumou depois a Itália, onde na altura se disputava o principal campeonato europeu, para orientar a AS Roma primeiro e depois a Fiorentina.

Com apenas uma Taça de Itália ao serviço dos romanos, regressou à Luz, em 1989, para voltar a ganhar troféus. E em três épocas voltou a ser Campeão Nacional e levou o Benfica à final da Taça dos Campeões, perdida em Viena, frente ao AC Milan, por 0-1.

Voltou a Itália em 1992 para treinar a Sampdoria durante cinco anos e a Lazio em quatro épocas. Se em Génova venceu uma taça italiana, em Roma montou uma superequipa, da qual faziam parte os portugueses Sérgio Conceição e Fernando Couto, mas também Roberto Mancini, Pavel Nedved, Diego Simeone, Sinisa Mihajlovic, entre outros.



LOBO PIMENTEL / ARQUIVO DN

Com Eriksson, a Lazio foi Campeã Italiana 26 anos depois, um êxito que o clube não voltou a repetir. Além disso, conquistou duas taças de Itália, duas Supertaças italianas, uma Taça das Taças e uma Supertaça Europeia.

Em 2001, tornou-se o primeiro estrangeiro a treinar a seleção inglesa, onde esteve seis anos. Não conseguiu títulos, mas recebeu o reconhecimento e admiração dos ingleses. Prova disso é que a maioria dos clubes e instituições britânicas deixaram mensagens de pesar, destacando-se a do príncipe de Gales, que nas redes sociais escreveu: "É triste saber do falecimento de Sven-Göran Eriksson. Encontrei-o várias vezes como selecionador da Inglaterra e fiquei sempre impressionado com seu carisma e paixão pelo jogo. Os meus pensamentos estão com a sua família e amigos. Um verdadeiro cavalheiro do jogo."

A carreira de Eriksson entrou depois numa curva descendente, tendo ainda treinado o Manchester City, as seleções do México e da


GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS


ANTÓNIO AGUIAR / ARQUIVO DN

Eriksson com Toni, que foi seu adjunto nas duas passagens pelo Benfica, e com Eusébio.

Costa do Marfim, Notts County, Leicester e BEC Tero Sasana (Tailândia), seguindo depois para o futebol chinês onde orientou o Guangzhou City, Guangzhou R&F, Shanghai SIPG e Shenzhen. O seu último trabalho como treinador foi a seleção das Filipinas em 2019.

Antes de anunciar que sofria de um cancro terminal trabalhava como diretor desportivo dos suecos do Karlstad, cargo que abandonou em fevereiro de 2023 por causa da doença.

O emocionante adeus

Num documentário que foi lançado recentemente na plataforma de *streaming* Amazon Prime, denominado *Sven*, deixou uma sentida mensagem de despedida: "Tive uma vida boa. Acho que todos nós temos medo do dia em que morreremos, mas a vida também é sobre a morte. Todos temos de aprender a aceitar a realidade como ela é. Espero que no final as pessoas digam, 'Sim, ele era um bom homem', mas nem todos dirão isso. Espero que se lembrem de mim como alguém positivo, que tentava fazer tudo o que podia." E acrescentou: "Não se desculpem, sorriam. Obrigado por tudo, treinadores, jogadores, adeptos. Foi fantástico. Cuidem-se e cuidem da vida. E vivam-na. Adeus."

As mensagens de pesar surgiram de todo o lado. "Tudo o que lhe foi acontecendo [com sucessivas homenagens públicas nos últimos meses] granjeou o respeito e a admiração de todos. Ele tem várias mensagens a dizer: 'Vivam a vida, sejam felizes e não fiquem tristes quando eu partir'. É a grandeza de um ser humano admirável", destacou Toni, que foi seu adjunto nas duas passagens do sueco pelo Benfica. "Encaro esta partida de forma muito particular, porque tínhamos uma amizade com mais de 40 anos. Ele ganhou o respeito e a admiração, não só dos benfiquistas, mas de todos os quadrantes, pela sua forma de estar no desporto e no futebol. Deixa esse legado, além daquela força e coragem em anunciar a sua morte", acrescentou.

Fernando Gomes, presidente da Federação Portuguesa de Futebol, destacou que "além das suas qualidades e competência como treinador, foi sempre uma pessoa amável, amiga e grata", e que, por isso, "o futebol português também está grato a um verdadeiro cavalheiro do futebol", que se "despediu da vida com a grandeza com que sempre marcou a sua postura."

O Sporting também deixou nas redes sociais uma mensagem de pesar, destacando o treinador como "grande figura do futebol mundial". O FC Porto também assinalou a morte de Eriksson: "É sempre uma honra defrontar treinadores deste gabarito."

A UEFA assinalou o desaparecimento de Eriksson como "uma figura adorada" do futebol, e o presidente da FIFA, Gianni Infantino, destacou um treinador que "liderou com entusiasmo e um sorriso".

"O nosso pai adormeceu tranquilamente na sua casa em Bjorkefors, nos arredores de Sunne. Durante muito tempo, lutou corajosamente contra a sua doença, mas agora chegou ao fim", escreveram ontem os filhos Lina e Johan, agradecendo as homenagens e palavras: "Esperamos que o recordem como a pessoa boa e positiva que sempre foi, tanto em público como em casa, connosco."

Eriksson partiu ontem em paz. Como fez questão de dizer recentemente em tom de brincadeira, foi um "homem de sorte": "Estão a dizer-me como fui bom quando ainda estou vivo. Normalmente, é depois do funeral que se ouve isso. Por isso, estou bem. Não me vou queixar."

"A marca de Eriksson no futebol português foi a de um revolucionário, de um treinador à frente do seu tempo. Destacou-se pela elegância, educação e urbanidade. Um treinador e homem verdadeiramente à Benfica."

Mensagem do Benfica

"Estamos gratos pelas suas proezas, pelo que fez no Gotemburgo e pelo futebol sueco. Também felizes por lhe podermos ter dito obrigado na primavera, em jogo em sua homenagem."

Mensagem do Gotemburgo

"A Lazio tomou conhecimento com extrema dor e profunda emoção da notícia do falecimento de Eriksson, treinador do segundo Scudetto *e o de maior sucesso da nossa história."*

Mensagem da Lazio

"Um dia muito triste. Em boa hora conseguimos fazer uma homenagem sentida a uma pessoa que sabemos que tinha o Benfica no coração e levou o Benfica no coração."

Rui Costa
Presidente do Benfica



Dick Van Dyke e o seu alegre passo de dança com Julie Andrews.

ANIVERSÁRIO Vamos desaprendendo de amar os clássicos, mas eles continuam a ter luz própria. Seis décadas depois, *Mary Poppins* resiste como uma das mais ternas e criativas produções de Walt Disney – também uma das mais pessoais do magnata dos desenhos animados –, e o momento que marca o fim de uma era.

60 anos de *Mary Poppins*: como (ainda) encontrar a magia

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

A Spoonful of Sugar, diz a canção. Uma colher de açúcar. É disso que o mundo está a precisar numa altura em que as guerras, neste caso, culturais, prosseguem com um sistema de vigilância mediática que tornou os clássicos autênticos alvos a abater, quais ameaças para as cabecinhas tenras das nossas crianças. 60 anos após a estreia (que se assinala hoje, 27 de agosto de 2024), Mary Poppins não escapou a esse vigente ímpeto protetor, surgindo a notícia inevitável, em fevereiro passado, como um dos últimos episódios da grande inspeção que aos poucos vai enfraquecendo as defesas naturais dos jovens espectadores. Qual a razão de queixa desta vez? Segundo o British Board of Film Classification (Conselho Britânico de Classificação Cinematográfica), o filme da Disney protagonizado por Julie Andrews contém "linguagem ofensiva"; pelo menos, o suficiente para justificar uma nova classificação etária.

Mais especificamente, em causa está uma referência depreciativa aos Khoi-khoi, povo nativo do sudoeste africano, na cena musical em que a personagem do velho Almirante Boom (lembram-se do vizinho dos Banks?) chama "hotentotes" aos limpa-chaminés sujos de fuligem – o nome foi atribuído pelos colonos holandeses aos membros dessa comunidade e, segundo o dicionário Oxford de inglês, é considerado arcaico e injurioso.

Muito bem. Agora vejamos: de toda a maravilha representada em *Mary Poppins*, o que as crianças correm o risco de reter é uma vaga alusão a um povo remoto? Custa a acreditar que se possa pôr a hipótese de esta linguagem de época (arcaica, lá está) ser "perturbadora" para os meninos e meninas, e passível de se "propagar", como declarou o porta-voz da dita comissão britânica...

É assim que nos encontramos em pleno ano comemorativo de *Mary Poppins*. Aliás, terá sido mesmo a perspetiva de um relançamento do filme pela ocasião do aniversário que pôs a mexer estas entidades competentes, de maneira a garantir um visionamento "seguro". Resultado: a obra de Robert Stevenson, produzida por Walt Disney, passou a ser recomendada apenas num regime de supervisão parental.

Mais *supercalifragilistik-expialidocious*, por favor

Importa perceber que algo se perde com estas atitudes de policiamento cultural, cheias de boas intenções – não é isso que se questiona. Mas, felizmente, os clássicos resistem para as gerações que cresceram com eles, e cabe a essas gerações não deixar apagar a chama. É por isso que hoje celebramos *Mary Poppins* em toda a sua dimensão histórica, com qualidades e defeitos, enquanto símbolo de uma forma mágica de ver o mundo, confiando à ama "praticamente per-

feita" interpretada por Andrews os nossos desejos de continuar a apreender a realidade com algum encanto.

Vinda literalmente das nuvens, com um guarda-chuva na mão direita e uma mala na mão esquerda, o nascimento no ecrã da personagem que trouxe ordem e alegria ao número 17 do Beco da Cerejeira – ou Cherry Tree Lane, em inglês –, é um dos momentos mais fulgurantes da criatividade dos estúdios do Rato Mickey.

Primeiro, aquela vista de Londres pintada por Peter Ellenshaw, a recriar a textura da cidade na década de 1910, com a versão instrumental de *A Spoonful of Sugar* e a mixagem de outros temas a soarem em fundo; depois, o entusiasmo de Bert – esse artista de rua e limpa-chaminés interpretado por Dick Van Dyke –, que não poderia ser mais caoticamente harmonioso a criar a nota de abertura e apresentação da família Banks, entre a euforia sufragista da mãe e a boa disposição aristocrática do pai banqueiro, ambos pouco dedicados aos dois filhos; e, finalmente, a chegada peculiar de Mary Poppins, que aterra à porta dos Banks em jeito de solução instantânea para todos os males.

Com ela, as crianças aprendem a arrumar o quarto, a tomar xarope sem resmungar, a serem generosas e, sobretudo, capazes de descobrir a aventura ao virar da esquina. Lições de vida assimiladas sem métodos rígidos, numa fantasia musical que combina atores de carne e osso com desenhos animados, a sinalizar, por um lado, a proeza técnica dos estúdios, e por outro, o fim de um certo classicismo.

Foi o último grande projeto pessoal de Walt Disney (que morreu dois anos depois da estreia), e aquele em que os Óscares parecem ter representado um papel de justiça irónica. A saber: uma jovem e debutante Julie Andrews saiu com a estatueta na mão da cerimónia que deixou derrotada Audrey Hepburn, cuja personagem de Eliza Doolittle, em *My Fair Lady*, tinha sido recusada à própria Andrews, depois da sua interpretação na Broadway.

E assim, logo à primeira, mas sem nada de principiante, Andrews conquistou Hollywood, ficando os restantes quatro Óscares (de 13 nomeações) distribuídos, nomeadamente, pelos efeitos especiais e pela música dos irmãos Richard e Robert

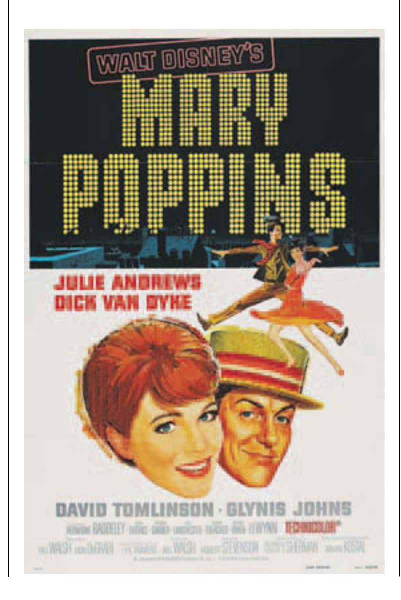


Londres pintada por Peter Ellenshaw.

Sherman (banda sonora e canção original), que se tornou uma das marcas intemporais do filme, desde o tema *Supercalifragilistikexpialidocious* ao *Chim Chim Cher-ee*. Richard morreu no passado mês de maio, aos 95 anos.

Uma ama mais altiva

Lançada a sequela *O Regresso de Mary Poppins* em 2018, a principal diferença de qualidade em relação ao original estava na música: nenhuma das canções novas do filme de Rob Marshall (escritas por Marc Shaiman e Scott Wittman) tiveram o mesmo êxito, ou sequer capacidade de ficar na memória dos espectadores. Mas a produção, em si, tem bastantes méritos, desde logo, o modo como Emily Blunt assumiu o papel da ama sem adocicar a fórmula, ou não fosse a sua Mary Poppins mais dotada de uma certa altivez britânica, que muitos associaram à própria letra e postura da autora dos livros na origem dos filmes, P.L. Travers (já lá vamos). Seja como for, na arte do embalo, o profissionalismo de Andrews e Blunt é praticamente o mesmo.





A aventura musical dos limpa-chaminés.

Na essência, *O Regresso de Mary Poppins* é uma repetição espiritual da história, décadas mais tarde, em que os belíssimos números musicais do clássico surgem evocados por novas versões não menos espetaculares. E aí, vale a pena destacar a honrosa presença de Dick Van Dyke, que, na altura com 93 anos, se prestou a uma aparição de exigente e enérgica pose coreográfica... Ainda agora, aos 98, continua a mostrar agilidade com os pés em *performances* de passadeira vermelha!

Um sonho concretizado

Por trás do sucesso de *Mary Poppins*, a obra de 1964, há toda uma história de resistência autoral. Por outras palavras: P.L. Travers não facilitou a vida a quem, com o mesmo grau de insistência que a recusa dela, decidiu levar os seus livros ao grande ecrã. Com efeito, Walt Disney tinha prometido às filhas adquirir os direitos dessa literatura de cabeceira, e não punha a hipótese de desistir – só conseguiu realizar o sonho das meninas cerca de 20 anos depois, mas ao fazê-lo acabou por trazer regozijo a muitas outras famílias.

Essa narrativa agridoce do finca-pé de P.L. Travers está contada no filme *Ao Encontro de Mr. Banks* (2013), de John Lee Hancock, e é mais ou menos isto:

Walt Disney tinha prometido às filhas adquirir os direitos dessa literatura de cabeceira, e não punha a hipótese de desistir – só conseguiu realizar o sonho das meninas cerca de 20 anos depois, mas ao fazê-lo acabou por trazer regozijo a muitas outras famílias.

Walt Disney convidou-a a visitar os estúdios em Los Angeles, para poder estabelecer contacto pessoal com a escritora australiana, e, a partir daí, tentou convencê-la usando todos os argumentos possíveis, incluindo os de um bom negócio.

Terminantemente avessa à bonecada de Disney, ela só transigiu na condição de a nomearem consultora do filme, passando semanas no estúdio em Burbank, Califórnia, a ditar as suas regras à equipa criativa (ficaram famosos os seus constantes "nãos", de resto, audíveis nas gravações que a própria exigiu que se fizessem das reuniões de trabalho).

Interpretada por Emma Thom- pson com uma acidez tragicómica, ao lado de um Tom Hanks divertidamente charmoso no papel de Disney, a Travers que vemos em *Ao Encontro de Mr. Banks*, e que bate certo com os relatos, é alguém que nunca largou uma postura áspera contra o "sentimentalismo" da casa Mickey Mouse. Não admira por isso que, mesmo tendo integrado os trabalhos, se sentisse frustrada com os resultados na tela: sequências animadas com pinguins a dançar, o *casting* de Van Dyke, a aparência demasiado jovem e atraente de Andrews e as canções dos Sherman foram algumas das queixas da autora.

Mas aí já Disney não estava disposto a ceder à teimosia, imbuído de uma confiança absoluta no feito que alcançara. Havia génio nesta produção, coisa que o tempo e gerações de espectadores vieram a confirmar para além do êxito momentâneo (foi o filme mais rentável do ano). E, acima de tudo, o sonho das filhas de Walt concretizara-se: a magia ficou no ar, para todos.

Luís Galvão Teles
O produtor que acredita no Brasil

CINEMA Luís Galvão Teles está em alta com dois filmes nos Festivais de Veneza e Toronto. Duas coproduções com o Brasil. Isso e os efeitos da redescoberta do seu primeiro filme, *A Confederação*, no Festival Estados Gerais do Documentário, de Lussas.


RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

***Vindima*, a partir de Miguel Torga, é o próximo projeto do realizador de *Retrato de Família*.**

ENTREVISTA **RUI PEDRO TENDINHA**



Depois de *Pedágio*, de Carolina Markowicz, e *Amo-te Imenso*, de Hermano Moreira, coproduções Brasil e Portugal, estão aí a chegar mais dois filmes brasileiros com investimento português. Duas obras selecionadas para os dois maiores festivais da *rentrée*, Veneza e Toronto. Por trás destas obras está a Fado Filmes, do produtor Luís Galvão Teles, alguém com firme crença na coprodução entre os dois países.

Manas, de Marianna Brennan, vai estar no Festival de Veneza, na secção Dias de Autores, e é um mergulho no coração da Ilha de Marajó, na selva da Amazónia. Um drama sobre uma rapariga de 13 anos que, ao tornar-se mulher, tenta libertar-se dos abusos sexuais de seu pai. Uma história inspirada em inúmeros relatos de incesto nessa região.

No TIFF de Toronto, honras de seleção para o *thriller* sobre o Jogo do Bicho *Os Enforcados*, baseado em *A Tempestade* de Shakespeare. É o regresso ao Brasil de Fernando Coimbra, cineasta que aqui apura essa ideia de "*suspense* carioca". Um filme marcado por uma extraordinária interpretação de Pêpê Rapazote.

Duas coproduções, dois grandes festivais internacionais. É uma espécie de tempestade perfeita para um produtor.

Mais do que uma tempestade, uma bonança. Mas os dois filmes, de alguma forma, são tempestades. Confesso que sabe bem, é mesmo muito trabalho. Foram projetos iniciados no período da covid e tiveram todas as dificuldades inerentes a esse período.

Para um produtor, qual a importância destas seleções em Veneza e em Toronto?

É importantíssimo! Creio que mostra o nosso desejo de internacionalização e demonstra também a nossa capacidade de levar para a frente projetos tão diferentes entre si. E ficamos muito satisfeitos, é a prova de que o nosso esforço valeu a pena nestes processos tão demorados.

Em *Os Enforcados* há elementos portugueses fortes, como é o caso da presença de Pêpê Rapazote. Isso não deixa de ser uma conquista.

Sim, claro, mas neste mundo global de hoje as fronteiras têm um outro sentido. Aliás, as fronteiras culturais às vezes servem para tirar verdade às coisas. Não há que forçar nada... Por exemplo, *Os Enforcados* passa-se todo no Brasil e, por isso, há que respeitar a verdade do filme e a personagem do Rapazote é meio-brasileira e ele já tem feito muita coisa no Brasil. O que é importante nestas coproduções é colocar as valências de cada país. Nós, na Fado Filmes, acreditamos que é possível fazer coproduções com todo o mundo, embora com o Brasil existam mecanismos, como o Luso-Brasileiro que nos ajuda na montagem financeira. Esta ligação ao Brasil faz todo o sentido culturalmente.

> *"O que é importante nestas coproduções é colocar as valências de cada país. Nós, na Fado Filmes, acreditamos que é possível fazer coproduções com todo o mundo, embora com o Brasil existam mecanismos, como o Luso-Brasileiro que nos ajuda na montagem financeira."*

Por outro lado, as últimas duas coproduções, *Amo-te Imenso* e *Pedágio* não encontraram cá público...

Ultimamente tem havido esse fenómeno, em parte devido à forma como o cinema americano vai apagando o outro cinema, mas estou convencido de que *Os Enforcados* é um filme para ter público.

Recentemente, a sua primeira obra, *A Confederação* (1977) foi exibida em França, no Festival Estados Gerais do Documentário. Com esse redescobrir e com o facto de haver uma cópia restaurada sente que o filme ganha uma nova vida?

Sim, de facto é outra das coisas boas que nos aconteceu. Só a remasterização em si não chega para dar uma segunda vida ao filme. Mas chegar ao Estados Gerais do Documentário mostra que o filme tem apelo e interesse, sobretudo depois de, nestas comemorações do 25 de Abril, o filme ter entrado numa espécie de anonimato.

Consegue perceber por que ficou de fora de tantos ciclos?

É porque se trata de um filme que apesar de celebrar a Revolução também a questiona.

Um pouco a revolução da Revolução?

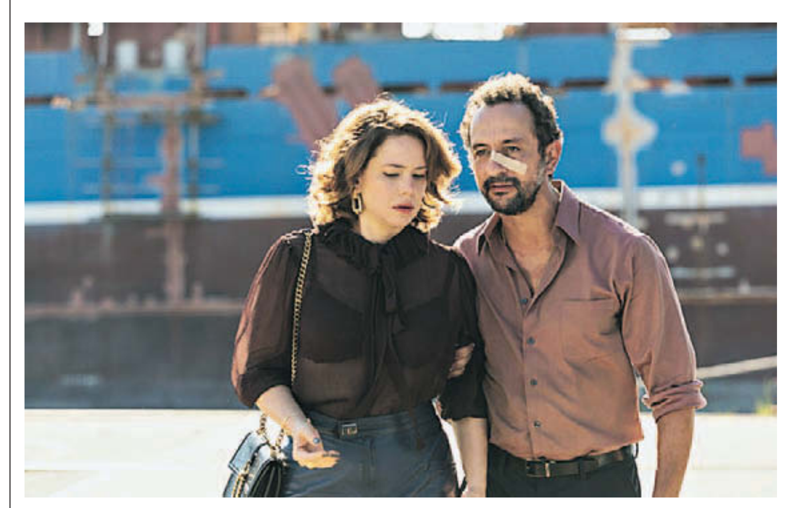
Exato! Nesse sentido, é um pouco incómodo. Já perguntei publicamente se este aniversário é a celebração da Revolução ou a celebração do seu fim.

Não sente estranho ser lá fora que o filme é reconhecido e não aqui?

É claro que eu poderia ter tentado que houvesse reconhecimento, mas decidi não o fazer. O filme existe e as pessoas sabem que existe, se tivessem interesse tinham-no procurado. Mas felizmente está agora disponível na Filmin.



***Manas*, presente no Festival de Veneza.**



***Os Enforcados*, uma hábil história de *gangsters* brasileiros.**



Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Qual é coisa, qual é ela?

O património cultural imaterial está onde menos se espera. As tradições, os hábitos e costumes, o modo de fazer as coisas, a gastronomia – a cada passo encontramos pequenos segredos que explicam o caráter dos povos. José Ruivinho Brasão, meu professor no Liceu de Pedro Nunes e bom amigo, tem-se dedicado à recolha da literatura e das tradições verbais transmitidas pela oralidade. É notável o resultado desse trabalho persistente e insubstituível. Como salientou Arnaldo Saraiva, no que diz respeito às adivinhas, conseguiu reunir o maior número que já alguém recolheu em Portugal, mais de mil, da boca de muitos algarvios, permitindo compreender as questões da oralidade, da poética, da ruralidade e do hermetismo comunitário. E através das adivinhas, chegamos aos provérbios, aos jogos de palavras, aos trava-línguas, ao cerne da sabedoria popular.

Leia-se *Adivinhas Portuguesas Recolhidas no Algarve*, onde o património imaterial vive na inesgotável tradição oral, não fechada em arcas de registos mortos, mas para ser partilhada em roda de conversas, onde se recria, perdurando no tempo. Os exemplos são múltiplos e obrigam a seguir com atenção a recolha.

"À meia-noite se levanta o francês / sabe a hora, não sabe o mês / tem um picão, não é cavador; / tem uma serra, não é serralheiro; / tem esporas, não é cavaleiro; / escava no chão e não acha dinheiro". Eis-nos diante do galo, o *coq* francês.

O rol é vasto e pleno de graça. "Alto está, / alto mora. / Ninguém o vê, / todos o adoram". É o sino da igreja, mas há quem formule o enigma, exatamente ao contrário: "Todos o veem, ninguém o adora".

A criatividade não tem limites a não ser a da razão… E há ainda os jogos lógicos que eram apanágio dos serões ou do professor primário que se prezasse. "O barqueiro tinha uma cabra, um lobo e um repolho para transpor para a outra margem do ribeiro. Como é que o barqueiro conseguiria manter intacta a mercadoria, sem que a cabra comesse o repolho e o lobo se baqueteasse com a cabra. Teria de levar primeiro a cabra, depois viria buscar o repolho, traria de volta a cabra, levando o lobo, vindo, por fim, buscar a cabra, para garantir não haver perturbação…

A série multiplica-se. "Qual é coisa, qual é ela, / anda sempre a correr, / Não tem mãos, não tem pés, / Bate-te quando quer, / Só a sentes, não a vês?" É o vento, aliás um dos exemplos mais repetidos pela sua subtileza. E "o que corre mais que o vento?". Também aqui não há mistério, pois é o pensamento que a ninguém pede meças. E há as referências clássicas: "Quanto mais quente ele está, pois mais fresco ele é".

Pela manhãzinha, o padeiro sabe bem que a sua arte se mede nessa prova paradoxal. E quando as horas marcam o nosso dia a dia, novamente vem à baila o tempo, um protagonista sempre presente: "São doze meninas, / Cada uma, quatro quartos. / Todas elas, têm meias / e nenhuma tem sapatos".

Os exemplos vão e veem, e não esquecemos Manuel Viegas Guerreiro, que em Querença mantém viva a memória. E lembro as últimas conversas que tive com ele e com Agostinho da Silva, incansáveis perscrutadores do português à solta, sempre amantes devotados da língua: "Em lençóis de fina holanda / E cortinas de carmesim / Está deitada uma madona / Que parece um serafim." De que se trata, afinal? Da extraordinária língua que falamos e que nos constrói.



Através das adivinhas, chegamos aos provérbios, aos jogos de palavras, aos trava-línguas, ao cerne da sabedoria popular."

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian



Opinião
Luís Castro Mendes

A escrita e a vida

Por que razão, apesar de todas as prevenções dos puritanos da análise literária, nos continuam a interessar, a nós leitores, as biografias dos autores que admiramos e até mesmo as daqueles que desprezamos? Por que motivo, ou vício de bisbilhotar, sentimos que a nossa compreensão, no sentido mais lato do termo, de um autor se aprofunda e enriquece com esses pormenores da sua vida?

Ensinou-nos Keats que o poeta é o menos poético dos seres, porque não tem identidade, como uma espécie de camaleão lírico; revelou-nos Emily Dickinson que o poeta é um "ser suposto", criado pelo seu autor como mais um ser de ficção; e Pessoa retoma e consolida esta ideia, multiplicando-se em diferentes poetas, dos quais, curiosamente, desenha sempre as biografias, como um Shakespeare dos seus heterónimos. E essas ficções não afastam de nós a vontade de saber mais da vida de quem as ficcionou.

É que muita coisa da vida do autor salta inevitavelmente para a ficção que é a sua obra e assim o leitor atento pode ganhar novas perspetivas para uma compreensão mais ampla do que lê. Isto não quer dizer que a obra não valha por si própria e pelos seus estritos valores literários. Para me emocionar com a grandeza da *Ode a uma Urna Grega* não preciso conhecer os tormentos da relação sentimental entre Keats e Fanny Brawne. Para entender a dialética amorosa da poesia de Camões não necessito por certo conhecer o nome das suas amadas, basta-me saber que "em várias flamas variamente ardia". E, no entanto, leio avidamente as biografias dos autores que me fizeram sentir a grandeza da escrita literária e até mesmo as intrigas dos meios literários em que viveram.

Carlos Reis, um grande queirosiano e seriíssimo estudioso da literatura, tem o cuidado de nos advertir num seu texto recente ("Eça de Queirós ou o escritor como diplomata", *in Viagens e Diplomacia, Olhares de Eça de Queirós sobre o Mundo*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2024) que "não me interessa o cônsul Eça de Queirós que também escrevia romances e contos, mas antes o escritor que era cônsul", num "*caveat*" prudente contra quaisquer leituras biografistas. Mas a verdade é que, se nada ganho do ponto de vista do prazer da leitura em saber que a magnífica cena da expulsão do Ega, vestido de Mefistófeles, do baile de máscaras do Cohen tem raízes numa cena infeliz ocorrida com o autor num baile em Leiria, a verdade é que a minha empatia com o texto aumenta com a entrada dessa figura maldita do autor no campo da minha imaginação ao ler o romance.

Do mesmo modo, a leitura de Pessoa, por muito que ele tenha afastado a sua obra da sua vida (e, no entanto, aquelas evocações da infância...), por muito que o sujeito dos seus poemas (como de todos os poemas) seja o "ser suposto" (ou os seres supostos...) criados pelo próprio texto, essa leitura não mais poderá dispensar a exaustiva biografia escrita por Richard Zenith. Preciso dela para me identificar com os poemas de Pessoa? Por certo que não. Mas a biografia alarga a minha compreensão de toda a obra de Pessoa.

A grande denúncia do biografismo foi feita por Marcel Proust no seu *Contre Sainte-Beuve*. Sainte-Beuve foi um importante crítico literário francês que media os autores pelas suas pessoas, paixões, opiniões e posições sociais mais do que pelas suas obras. Proust tinha razão, é claro, mas não é por acaso que os estudiosos do século XIX francês têm em Sainte-Beuve, como nos diários dos irmãos Goncourt, importantes elementos para a melhor compreensão das obras literárias surgidas nessa época. Com o risco de repetir-me: para lermos e admirarmos Balzac não precisaremos desses elementos; mas para melhor compreendermos a sua obra, alguma coisa nos trazem essas informações.

Eça de Queirós dizia: "Eu não tenho biografia, sou como o Principado de Andorra." Mas a verdade é que até o Principado de Andorra tem uma História...

Diplomata e escritor


Os Olivais recebem a Orquestra da Gulbenkian logo no dia de abertura.

FOTOS: EGEAC / JOSÉ FRADE

Ruas de Lisboa enchem-se de música, cinema e máscaras em setembro

FESTAS Autarquia alfacinha promove uma série de eventos gratuitos por toda a cidade durante o próximo mês. Fique a saber com o que pode contar – e marque já na sua agenda.

Música, cinema, máscaras e videoarte vão tomar conta de espaços públicos de Lisboa, durante o mês de setembro, numa série de espetáculos de acesso gratuito, no âmbito das *Festas na Rua* promovidas pela autarquia.

Segundo foi ontem anunciado, este ano, o festival vai decorrer entre 7 e 29 de setembro, e vai integrar nove grandes concertos, três festivais – dedicados às curtas-metragens, à videoarte, e, em estreia, ao piano – e um desfile em torno da máscara ibérica, segundo a Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC) da Câmara Municipal de Lisboa.

A programação cultural vai preencher os espaços verdes da cidade – entre jardins, coretos, praças e lavadouros – com músicos, cinema, orquestras, bandas filarmónicas, artistas nacionais e internacionais.

Logo no dia da abertura, o Vale do Silêncio, nos Olivais, recebe as árias de *Carmen*, de Bizet, *Aida* e *Nabucco*, de Verdi, e *Madama Butterfly*, de Puccinni, interpretadas pelo Coro e Orquestra da Gulbenkian.

Trata-se de um concerto dirigido pelo maestro Cesário Costa e maioritariamente dedicado ao repertório coral e sinfónico da ópera e dos musicais.

Muita música portuguesa

A música portuguesa também está em destaque nesta edição das Festas na Rua com três atuações especiais na Praça do Município.

No dia 13, o guitarrista e compositor António Chainho despede-se dos palcos com *Lisboa Saudade*, um espetáculo em que será acompanhado por Carminho, António Zambujo, Marta Pereira da Costa e o Quarteto de Cordas Naked Lunch.


Grande desfile de Máscara Ibérica, com 450 participantes, na Baixa.

O dia seguinte está por conta do maestro Rui Massena, que se apresenta a solo, com *ensemble* e muitos convidados, num espetáculo concebido especialmente para esta ocasião.

A mesma praça volta depois a ser palco, no dia 28, com uma conversa e um espetáculo musical que junta nomes como Maro, Mayra Andrade ou Criolo, numa "celebração conjunta da música portuguesa e da sua multiculturalidade", pensada pela Associação Mundu Nôbu de Dino D'Santiago e Liliana Valpaços, acrescenta a EGEAC.

Jazz às quintas-feiras

Jazz no Jardim é a proposta das *Festas na Rua* para duas quintas-feiras.

No dia 12, no Jardim da Quinta da Alfarrobeira (em São Domingos de Benfica), a fadista Cristina Branco e o pianista Mário Laginha juntam-se à Orquestra de *Jazz* do Hot Clube de Portugal.

No dia 19 é a vez de o Jardim da Quinta da Paz, no Lumiar, receber o pianista João Paulo Esteves da Silva e a Orquestra *Jazz* de Matosinhos, para uma reedição do disco *Bela Senão Sem*".

As Bandas Filarmónicas são as protagonistas dos finais de tarde de domingo: três concertos, com a Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense, no Jardim da Quinta das Conchas (dia 15), a Banda Musical e Artística da Charneca, no Coreto do Jardim do Campo das Amoreiras (dia 22) e a Banda da ACULMA, no Coreto do Bairro do Condado (dia 29), para ouvir um repertório tradicional, popular e erudito.

Além da música, as *Festas na Rua* trazem de novo o colorido da Máscara Ibérica, com um grande desfile e mais de 450 participantes (oriundos do norte e centro do país e de várias províncias de Espanha), que irão percorrer a Baixa de Lisboa.

Cinema ao ar livre

O *Cinema no Estendal* volta a montar tela nos lavadouros, desta vez, do Pátio da Moca (Arroios) e do Lumiar, para apresentar uma seleção de curtas-metragens entre o universo *queer* e o cinquentenário do 25 de Abril.

O *Fuso – Festival internacional de Videoarte de Lisboa* está também de regresso, com várias sessões ao ar livre, entre 27 de agosto e 1 de setembro.

O programa fecha no último fim de semana de setembro, com a estreia em Lisboa de *Piano City*, um festival de três dias dedicado a este instrumento musical.

Vão ser mais de 30 concertos de artistas portugueses e internacionais, entre pianistas consagrados e jovens talentos, cujas atuações se vão distribuir pelo Palácio Galveias e pelos jardins dos Coruchéus e do Museu de Lisboa – Palácio Pimenta.

DN/LUSA

emprego

PUBLICIDADE

NOVA — NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de Professores para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE/PRD015/2024** – 1 Lugar na carreira/categoria de Professor Auxiliar, *teaching track* em regime de direito privado, na área disciplinar de Matemática.

» **Referência NOVASBE/PRD009/2024** – 1 Lugar na carreira/categoria de Professor Auxiliar em regime de direito privado, na área disciplinar de Finanças/Household Finance.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 15 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.



Recrutamento de quadros para a ***AMT***

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**



MUNICÍPIO DO FUNCHAL
DEPARTAMENTO JURÍDICO

EDITAL N.º 656 /2024

EXPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PÚBLICA DA PARCELA DE TERRENO, SUAS BENFEITORIAS E TODOS OS DIREITOS E ÓNUS A ELA INERENTES E/OU RELATIVOS, NECESSÁRIA À EXECUÇÃO DA OBRA PÚBLICA DENOMINADA "ALARGAMENTO DA TRAVESSA DO PICO DA IGREJA" NA FREGUESIA DE SÃO MARTINHO, CONCELHO DO FUNCHAL

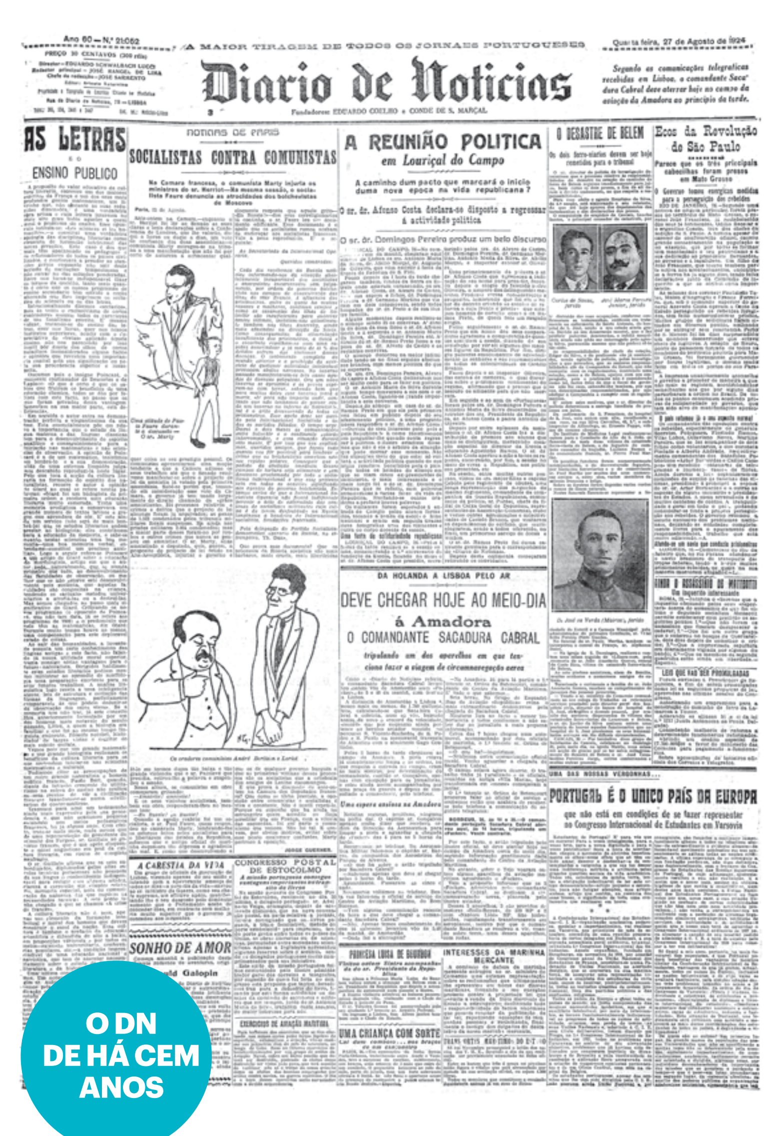
Ana Fernanda Osío Bracamonte, Vereadora da Câmara Municipal do Funchal, no uso da competência que lhe advém do Despacho de Delegação e Subdelegação de Competências, exarado pela Senhora Presidente da Câmara Municipal do Funchal, em 1 de fevereiro de 2024, publicitado pelo Edital n.º 91/2024, da mesma data, em cumprimento do estatuído no n.º 4, do art. 11.º, e n.º 2, do art. 17º da Lei n.º 168/99, de 18 de Setembro, (Código das Expropriações, na sua atual redação) e em cumprimento da alínea d) do n.º 1 do art.º 112.º, do Código do Procedimento Administrativo, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro, torna público que por despacho do Exmo. Senhor Vice-Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, datado de 9 de agosto de 2024, foi nomeado perito, para proceder à vistoria "ad perpetuam rei memoriam" da parcela de terreno e suas benfeitorias abaixo identificada, abrangida pelo processo de expropriação referido em título, o Senhor Engenheiro Civil Rigoberto Ricardo Spínola Ramos.

A vistoria foi marcada para o dia 13 de setembro do ano 2024, no seguinte horário:

Parcela de terreno, e suas benfeitorias, com a área de 395 m2, assinalada na planta parcelar/cadastral do projeto da obra, que confronta a Norte com o proprietário, Sul, Leste e Oeste com o proprietário, a destacar do prédio rústico localizado Igreja, freguesia de São Martinho, inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 13/1, da Secção J, a favor da Imobiliária do Almirante Reis, Lda. e descrito na Conservatória do Registo Predial do Funchal sob o número 1813/219941220, a favor da Fazenda Nacional, pelas 10h.

Face ao disposto no n.º 3, do artigo 21º, da Lei n.º 168/99, de 18 de setembro (Código das Expropriações, na sua atual redação), os interessados podem assistir à vistoria, se assim o desejarem, bem como formular por escrito os quesitos que tiverem por pertinentes, a que o perito nomeado deverá responder no seu relatório.

A Vereadora por delegação da Presidente da Câmara
Ana Fernanda Osío Bracamonte



O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 27 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)
FUNDADORES Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal
REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima
CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira
Propriedade e Tipografia da Empresa Diario de Noticias
Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

UMA DAS NOSSAS VERGONHAS...

PORTUGAL É O UNICO PAÍS DA EUROPA

que não está em condições de se fazer representar no Congresso Internacional de Estudantes em Varsóvia

Estudantes de Portugal! E' para vós que eu escrevo! Para a vossa inteligencia, para o vosso brio, para a vossa dignidade e para o vosso patriotismo! Soou a hora de acordardes, chegou o momento de abrirdes beneficamente os olhos—esses olhos que só têm sabido amar, desorer e desdenhar—e de contemplardes a vergonha a que vos fez descer uma indiferença mórbida e aviltante pelas grandes questões sociais da vida academica. Todos vós, estudantes da minha terra, tentes a obrigação indeclinavel de ler este artigo desassombrado—artigo pequeno e correntio, para não fatigar atenções, mas artigo-sintese, artigo que contém, na essencia das suas frases, o significado de toda uma conferencia que realizarei em breve.

* * *

A Confederação Internacional dos Estudantes—C. I. E.—organização academica poderosa, modelar e importantissima, vai realizar em Varsovia, nos principios do mês de setembro, precedida de uma reunião preparatoria de certos delegados em Budapest, a sua segunda assembleia geral ordinaria, trianual, intitulada 2.º Congresso Internacional dos Estudantes. Aquele organismo, fundado em Strasburgo, em novembro de 1919, por ocasião do Congresso anual da União Nacional dos Estudantes de França, constituiu-se numa Federação de Uniões Nacionais, no acertado designio, que se converteu na sua maxima força, de assegurar uma representação autorizada e completa dos estudantes de cada país, capaz de resolver, plenipotenciariamente, todas as variadas questões de ordem profissional, fóra dos partidos politicos e das confissões religiosas.

Todos os países da Europa e quasi todos os países do mundo, na justa compreensão das magnas necessidades modernas, em que o equilibrio intelectual, por meio do intercambio, se tornou fundamentalmente indispensavel ao progresso de todos os ramos de actividade, criaram, sem perda de tempo, as suas Uniões Nacionais e, aderindo á C. I. E, com titulo deliberativo, foram discutir em Praga, no 1.º Congresso Internacional de Estudantes, em 1921, todos os problemas que figuravam no ambito do seu alevantado objectivo, problemas que já haviam sido delineados nos congressos parciais de Strasburgo e de Bruxelas e cuja continuidade de resolução e aplicação ficou assegurada com a criação de numerosas comissões permanentes e de um Oficio Central, com séde na capital da Belgica.

Os estudantes portugueses, apesar dos convites que lhe têm sido dirigidos pela C. I. E., não possuem ainda União Nacional e, por conseguinte, são forçados a continuar lamentavelmente alheios a todos os beneficos efeitos—de extraordinario e evidente alcance—do formidavel movimento academico em que presentemente se agitam todas as nações civilizadas. A ultima esperança de se conseguir a sua fundação perdeu-se, não digo definitiva, mas deploravelmente, com o fracasso do Congresso de Estudantes das Escolas Superiores de Portugal, de cujo adiamento aparentemente resultou a sua não realização. E é assim que o nosso país, mesmo na utópica hipótese de que venha a constituir-se, num destes anos mais proximos, a União Nacional dos Estudantes Portugueses—e eu faço votos por que, nesse caso, a sua criação (fugindo ao contagio de certas colectividades que não têm nem séde nem actividade proveitosa...) não venha a envergonhar-nos no confronto com a perfeição de algumas organizações similares estrangeiras, perfeição de serviços, de publicidade e de utilidades—é assim que o nosso país terá de aguardar o Congresso Internacional ordinario de 1927 para alcançar a sanção do seu possivel pedido de admissão á C. I. E. e terá de esperar pelo Congresso Internacional de 1930 para começar a ter voz deliberativa!

Só daqui a seis anos, portanto, na mais favoravel das suposições, é que Portugal poderá beneficiar das vantagens de membro titular da Confederação Internacional de Estudantes, vantagem de que já gozam, actualmente, todos os países da Europa, inclusivé as nações beligerantes, e de cujo valor se avaliará facilmente, pela simples citação destes três problemas, tomados ao acaso e já largamente fomentados, da ordem do dia do Congresso de Varsovia: «Troca e viagens, individuais e colectivas, de estudantes e professores», «Equivalencia de diplomas e livrete internacional do estudante», «Condições materiais dos estudantes nacionais e estrangeiros, casas de estudantes, reduções e facilidades». Esta situação de Portugal, que logicamente será criticada com aspereza e merecerá as mais duras recriminações dos estudantes de todos os países, é degradante e vilipendiosa!

De quem são as culpas? Em primeiro lugar, da grande massa da população das nossas Universidades que, não se sacrificando e muitas vezes não se interessando pela questão, socialmente importantissima, do associacionismo academico, tacitamente permite ser orientada e dirigida, algumas vezes, por individuos desconhecedores da importancia das missões que se propõem e perdendo o tempo—o que é peor—em lutas secundarias; em segundo lugar, da «carencia absoluta» de auxilio dos poderes publicos ás organizações academicas existentes, circunstancia que tem

A REUNIÃO POLITICA
em Louriçal do Campo

A caminho dum pacto que marcará o inicio duma nova epoca na vida republicana?

O sr. dr. Afonso Costa declara-se disposto a regressar á actividade politica

O sr. dr. Domingos Pereira produz um belo discurso

LOURIÇAL DO CAMPO, 26—No comboio correio da manhã, chegaram aqui vindos de Lisboa os srs. Antonio Maria da Silva, dr. Abilio Marçal, dr. Augusto de Oliveira, que vêm assistir á festa da Escola de Reforma de S. Fiél.

Pouco depois da 1 hora da tarde chegaram tambem, vindos da Serra da Estrela onde estavam veraneando, os srs. dr. Afonso Costa, dr. Alvaro de Castro, [illegible] sua esposa e filhos, dr. Domingos Pereira e dr. Germano Martins que vieram em dois automoveis, sendo todos hospedes do sr. dr. Preto e de sua ilustre familia.

Alguns momentos depois realizou-se o almoço sendo 35 os convivas. A' direita da dona da casa ficou o sr. dr. Afonso Costa e á esquerda o sr. Antonio Maria da Silva, dr. Domingos Pereira etc. A' direita do sr. dr. Ramos Preto ficou a esposa do sr. dr. Alvaro de Castro e os restantes convivas.

O almoço decorreu na maior intimidade tendo-se no final erguido afectuosos brindes, com menos politica do que se esperava.

Os srs. drs. Domingos Pereira, Alvaro de Castro e Afonso Costa declararam nos ser muito cedo para se falar em politica.

O sr. Antonio Maria da Silva durante algum tempo conversou a sós com o sr. Afonso Costa, ligando-se grande importancia a esta conversa.

Depois do almoço em casa do sr. dr. Ramos Preto em que ele pela primeira vez falou em publico depois do seu afastamento politico, a uma pergunta nossa respondeu o sr. dr. Afonso Costa: —«Duvida do meu interesse pelo país e pela Republica?» E como insistissemos em perguntar-lhe quando conta regressar á politica. o ilustre estadista disse-nos que não é ele o arbitro da situação, que pode marcar esse momento. Não faz objecções mais do que esta: só voltará a actividade politica quando da sua acção resultem beneficios para o país.

De todos os brindes do almoço em que se viam cinco ex-presidentes de ministerio, o mais interessante e o mais longo foi o do sr. dr. Domingos Pereira que se referiu, com palavras entusiasticas a varias fases da vida da Republica, limitando-se outros oradores a proferir breves palavras

Os visitantes foram esperados á entrada do Colegio pelos alunos formados, tocando a banda da escola o hino nacional e sendo em seguida tiradas duas fotografias uma dos visitantes e outra do corpo docente da escola.

Uma festa de solidariedade republicana

LOURIÇAL DO CAMPO, 26.—Pelas 4 horas da tarde realizou se a sessão solene, comemorando o 4.º aniversario da fundação da Escola, ficando na mesa o sr. dr. Afonso Costa que presidia, secretariado pelos srs. dr. Alvaro de Castro, dr. Domingos Pereira, dr. Germano Martins, Antonio Maria da Silva, dr. Abilio Marçal, e inspector escolar sr. Oliveira.

Usou primeiramente da palavra o sr. dr. Afonso Costa que agradeceu a indicação do seu nome para presidir, fazendo depois o elogio do falecido padre Oliveira, o amparo dos delinquentes menores. Produziu varias considerações a proposito, lembrando que foi ele o autor do decreto criando as escolas de reforma a cuja frente é preciso que estejam homens de coração como o dr. Ramos Preto, de quem tece um rasgado elogio.

Falou seguidamente o sr. dr. Ramos Preto que em nome dos seus cooperadores agradeceu a comparencia de quantos assistiam á sessão, dizendo da sua satisfação por vêr ali algumas das maiores figuras da Republica. Por fim, dirigiu palavras emocionantes de agradecimento ás senhoras e aos representantes de todas as colectividades de Castelo Branco.

Falou depois o sr. inspector Oliveira, das escolas de menores, o qual dissertou sobre o patrimonio sentimental do regime, afirmando que é preciso que o tesouro os alimente para que não morram.

Em seguida e ao som da «Portuguesa» foram pelos srs. dr. Domingos Pereira e Antonio Maria da Silva descerrados os retratos dos srs. Presidente da Republica, dr. Afonso Costa e padre Antonio de Oliveira.

Depois por entre aplausos da assistencia o sr. dr. Afonso Costa fez a distribuição de premios aos alunos que mais se distinguiram, merecendo menção especial do director da Escola o educando Agostinho Ramos. O sr. dr. Afonso Costa apertou a mão a todos os rapazes, encerrando, por fim, a sessão no meio de vivas a Republica, aos politicos presentes, etc

Na sessão, entre muitas outras pessoas, vimos os srs. major Elias e capitão Cebola pelo regimento de obuzes, uma longa representação dos sargentos do mesmo regimento, comandante da companhia da Guarda Republicana, comissario da policia, sr. Pardal, chefe da filial da Caixa Geral de Depositos, representantes da Associação Comercial, clube e varias outras agremiações e colectividades de Castelo Branco, que visitaram as dependências do edificio, que muito elogiaram, sendo a todos oferecido, no final, um primoroso serviço de doces e vinhos.

O sr. dr. Ramos Preto foi duma cativante gentileza para o correspondente do «Diario de Noticias».

Depois desta cerimonia começaram retirando os convidados.

DA HOLANDA A LISBOA PELO AR

DEVE CHEGAR HOJE AO MEIO-DIA
á Amadora
O COMANDANTE SACADURA CABRAL

tripulando um dos aparelhos em que tenciona fazer a viagem de circumnavegação aerea

Como o «Diario de Noticias» referiu, o comandante Sacadura Cabral levantou ontem vôo de Amsterdão num «Focker», ás 5 e 40 da manhã, com destino a Lisboa.

A distancia de Amsterdão a Lisboa é, pouco mais ou menos, de 1.700 quilometros, calculando-se que Sacadura Cabral a cobriria, num só vôo, batendo assim de novo o «record da velocidade, «record» que por enquanto ainda pertence ao heroico aviador vencido no percurso S. Vicente-Rochedos de S. Pedro e S. Paulo na memoravel travessia do Atlantico com o almirante Gago Coutinho.

Pelas 2 horas da tarde chegámos ao campo da Amadora. A pista estava já completamente limpa e as ordens, no que respeita á entrada no campo, eram as mais severas, por determinação do comandante, capitão sr. Gonçalves, apenas com excepção para os jornalistas, e estes ainda assim acompanhados por uma praça da guarda e depois de consultado o comandante, pelo telefone.

Uma espera ansiosa na Amadora

Noticias seguras, positivas, ninguem as podia dar. O capitão sr. Gonçalves apenas soube dizer que recebera ordem da Direcção da Aeronautica para limpar a pista e aguardar a chegada do «Focker» das 4 para as 5 horas da tarde.

Recorremos ao telefone. Da Aeronautica Militar falou-nos o capitão sr. Barros, da companhia dos Aerosteiros do Parque de Alverca.

—O que ha sobre o avião tripulado por Sacadura Cabral?

—Sabemos apenas que deve aí chegar pelas 5 horas da tarde.

Aguardamos. Passaram as cinco e nada.

Novamente voltámos ao telefone. Desta vez falou-nos o oficial de serviço do Centro da Aviação Maritima, do Bom Sucesso.

—Tem alguma comunicação recente da hora a que deve chegar o comandante Sacadura Cabral?

—Não. Apenas temos conhecimento do que já sabemos: levantou vôo ás 5,40 da manhã, de Amsterdão.

—Onde faz a aterragem?

—Na Amadora. Já para lá partiu o 1.º tenente sr. Ortins de Betencourt, comandante do Centro da Aviação Maritima. E' tudo o que sabemos...

Seis horas. No Grupo de Esquadrilhas de Aviação «Republica» reina o mais extraordinario desinteresse pela chegada de Sacadura Cabral.

Ninguem liga ao facto a menor importancia e todos continuam a não saber dar ao jornalista a mais pequena informação.

Cerca das 7 horas chegou num automovel, acompanhado por dois oficiais de marinha, o 1.º tenente sr. Ortins de Betencourt.

—O que ha?—inquirimos.

—Nenhuma outra comunicação oficial recebi. Venho aguardar a chegada de Sacadura Cabral.

O campo estava agora deserto. O trabalho tinha já paralizado e os oficiais, reunidos na antiga «Vila Maria», hoje transformada em «messe» começavam a jantar.

O 1.º tenente sr. Ortins de Betencourt procurou falar ao oficial de serviço e soubemos então que acabára de receber-se pelo telefone a comunicação do seguinte telegrama:

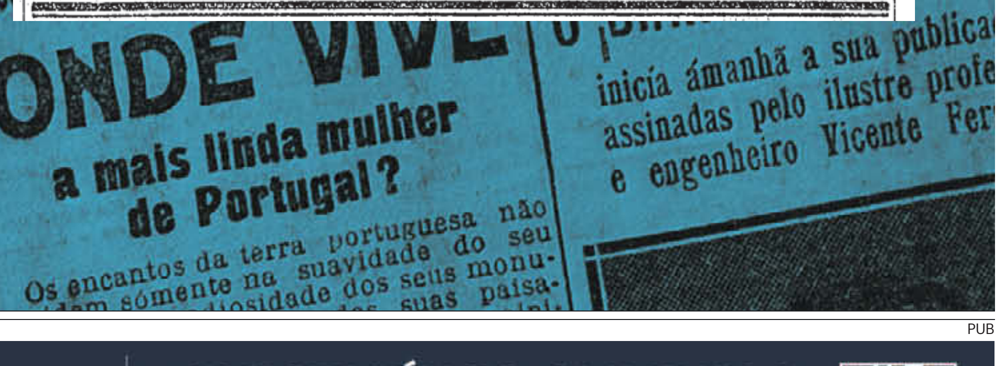
BORDEUS, 26, ás 14 e 30.—O comandante português Sacadura Cabral aterrou aqui, ás 14 horas, tripulando um «Focker». Vento contrario.

Por este facto, o avião tripulado pelo ilustre oficial, só deve aterrar hoje no campo da Amadora cerca do meio dia, segundo informação gentilmente dada pelo comandante do Centro da Aviação Maritima.

No entanto, sobre o Tejo voaram ontem alguns aparelhos da aviação maritima aguardando o «Focker».

Vem a proposito informar que os 5 «Focker», adquiridos pelo comandante Sacadura Cabral, se destinam á circumnavegação aerea, planeada pelo ilustre aviador.

Desses 5 aparelhos, 3 são providos de motores «Rolls-Royce», de 330 HP e 2 com «Napiers Lion» HP. São hidroaviões, rapidamente transformaveis em aeroplanos, motivo por que o comandante Sacadura se resolveu a vir, voando sobre terra, num desses aparelhos, com rodas.



lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 035/2024 **2.º PRÉMIO: 62933**
1.º PRÉMIO: 06884 **3.º PRÉMIO: 22411**

EURODREAMS
SORTEIO: 069/2024
CHAVE: 5-6-8-12-30-32 + 5

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Salário até 1175 euros brutos vai ter 0% de retenção de IRS em setembro e outubro

IMPOSTOS É o mecanismo de compensação do imposto retido a mais desde o início do ano tendo em conta as alterações ao IRS entretanto aprovadas.

As novas tabelas de retenção que foram divulgadas ontem contemplam um mecanismo, a aplicar em setembro e outubro, que se vai traduzir numa taxa de retenção de 0% naqueles dois meses para salários brutos até 1175 euros.

O objetivo deste mecanismo é compensar o imposto retido a mais pelos contribuintes (trabalhadores por conta de outrem e pensionistas) desde o início do ano, tendo em conta as alterações ao IRS entretanto aprovadas pelo Parlamento – e que, apesar de terem entrado em vigor no início deste mês, se aplicam aos rendimentos da totalidade do ano de 2024.

Em causa está a redução das taxas do IRS que incidem sobre os primeiros seis escalões de rendimento (entre 0,25 e 1,5 pontos percentuais), a subida da dedução específica sobre os rendimentos de trabalho e de pensões em linha com a atualização do Indexante de Apoios Sociais e a atualização do mínimo de existência (que corresponde à parcela de rendimento mínima líquida de imposto).

O despacho com as novas tabelas de retenção procede à redução das taxas e à subida do limite do rendimento sobre as quais estas incidem, por comparação com as que vigoram desde janeiro, acomodando assim aquelas alterações ao imposto. Mas, e de forma a compensar os contribuintes pelo IRS que já retiveram desde o início do ano, contempla uma tabela com taxas mais reduzidas, para ser aplicada entre 1 de setembro e 31 de outubro.

Desta forma, um solteiro ou um contribuinte casado (em que ambos os elementos sejam titulares de rendimento), com um salário bruto até 1171 euros verá a sua retenção ser reduzida a 0% (e a zero euros) nos meses de setembro e outubro. Nos meses seguintes, o desconto do imposto ser-lhe-á feito de acordo com a taxa prevista nas tabelas agora divulgadas – e que será mais baixa do que a aplicada desde janeiro.

No caso dos trabalhadores casados em que apenas um elemento do casal é titular de rendimentos, em setembro e outubro a taxa de 0% de retenção abrange salários até aos 1394 euros. Nas pensões, vai até aos 1487 (havendo apenas um titular, no casal).

Para salários e pensões de valor superior, as taxas de retenção serão também especialmente reduzidas naqueles dois meses porque o objetivo é o mesmo: compensar as retenções já efetuadas em excesso nos meses de janeiro a agosto.

Fonte governamental adiantou que esta foi a solução encontrada para permitir que a compensação pudesse ser efetuada pelas entidades pagadoras de salários e pensões de uma forma mais simples do que a que implicaria retroagir as novas tabelas a janeiro.

Foram considerados dois meses para efetuar esta compensação pelo facto de se ter concluído que, em muitos casos, um mês não seria suficiente para devolver aos contribuintes o imposto já retido em excesso e tendo por princípio que o cálculo da retenção não poderia ser inferior a zero.



Cláudia Reis Duarte
Secretária de Estado dos Assuntos Fiscais

O despacho assinado pela secretária de Estado dos Assuntos Fiscais, Cláudia Reis Duarte, determina também que nas situações em que as retenções na fonte sobre os rendimentos do trabalho dependente e de pensões pagos ou colocados à disposição entre 1 de setembro e 31 de outubro de 2024 não sejam efetuadas com base nas tabelas dedicadas a este período, "a entidade sobre a qual recai a obrigação de retenção pode proceder à sua retificação nas retenções a efetuar nos meses seguintes, até ao mês de dezembro de 2024, inclusive".

Esta solução permite acomodar as situações em que o processamento dos salários ou pensões tenha sido efetuado antes da publicação deste despacho.

Casal com rendimentos de 1500 euros/cada paga menos 724 euros

Um casal em que ambos os elementos ganham 1500 euros por mês, vai ter uma redução total de 724 euros na retenção na fonte do IRS entre setembro e dezembro, segundo simulações do Ministério das Finanças.

Esta simulação (para um perfil de um casal com dois dependentes) foi feita tendo em conta as novas tabelas de retenção na fonte que vão ser aplicadas de setembro em diante e que contemplam, para os meses de setembro e outubro, um mecanismo de compensação das retenções já efetuadas em excesso entre janeiro a agosto.

Aqueles 724 euros são o valor que resulta da redução de 320 euros de retenção de IRS que aquele casal terá nos meses de setembro e de outubro, a que se soma uma diminuição de 28 euros do valor retido (face aos valores que pagou desde o início do ano) nos salários de novembro e dezembro e do subsídio de natal.

Já se se tratar de um casal (ambos titulares e dois dependentes) em que ambos auferem um salário de 1000 euros, a redução do IRS por via da retenção será de 202 euros (80 euros em setembro e em outubro e 14 euros nos meses seguintes).

Para salários de 2000 euros (mesmo perfil familiar e considerando sempre valores brutos) a poupança na retenção ascenderá a 1338 euros (tendo em conta os quatro salários que serão pagos até ao final deste ano e o subsídio de Natal).

Já um pensionista com uma pensão até 1000 euros (brutos) verá a retenção na fonte recuar em 58 euros em setembro e em outubro e em um euro daí em diante, num total de 119 euros no acumulado. Recebendo 1500 euros de pensão, a retenção reduz-se em 397 euros e em 647 euros se a reforma for de 2000 euros.

Estes cálculos não incluem o suplemento extra de até 200 euros que vai ser pago aos pensionistas com pensões de valor mais baixo em outubro e cuja retenção do IRS será feita de forma autónoma.

O impacto agregado do conjunto de mudanças ao IRS aprovado pelo Parlamento ascende a 1100 milhões de euros, entre 2024 e 2025, segundo estimativas do Governo reveladas ontem.

DN/LUSA

BREVES

Hugo Soares pela imigração

O secretário-geral e líder parlamentar social-democrata, Hugo Soares, defendeu ontem, na abertura da *Universidade de Verão* do PSD, que os imigrantes são necessários em Portugal. Sem se referir à exigência do referendo sobre a imigração, que o Chega coloca como uma condição para viabilizar o Orçamento do Estado para 2025, Hugo Soares disse a uma centena de jovens, reunidos até domingo em Castelo de Vide, que, como "Portugal precisa de gente", é preciso atrair mão de obra, "mais e menos qualificada". E, defendendo "segurança e humanismo ao mesmo tempo", realçou que "não somos daqueles que achamos que podem entrar todos sem controlo, ou dos outros que acham que não pode entrar ninguém".

João Mário perto do Besiktas

O futuro do médio benfiquista João Mário deverá passar pelo Besiktas, da Turquia. O jogador já chegou a acordo com o emblema de Istambul, mas falta ainda o entendimento entre o Besiktas e o Benfica, algo que deverá acontecer nos próximos dias. O Corinthians, do Brasil, entretanto, fez uma nova oferta ao Benfica para garantir o avançado Arthur Cabral, um empréstimo de um ano com compra obrigatória do passe. E o Al Hilal, clube saudita treinado por Jorge Jesus, continua a tentar a contratação de Marcos Leonardo, mas neste caso a SAD só venderá por valores a rondar os 40 milhões.



Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



